

Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC
Centro Sócio Econômico
Departamento de Ciências Econômicas

CRISTIANO DA SILVA AZEVEDO

Política, Economia e Sociedade:
Uma análise da obra de George Orwell

Florianópolis, 2010

CRISTIANO DA SILVA AZEVEDO

Política, Economia e Sociedade:
Uma análise da obra de George Orwell

Monografia submetida ao curso de Ciências
Econômicas da Universidade Federal de Santa
Catarina, como requisito obrigatório para a obtenção
do grau de Bacharelado.

Orientador: Prof. Armando de Mello Lisboa

Florianópolis, 2010

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS ECONÔMICAS**

A Banca Examinadora resolveu atribuir a nota 9,0 ao aluno Cristiano da Silva Azevedo na disciplina CNM 5420 – Monografia, como requisito obrigatório para obtenção do grau de Bacharelado.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Armando de Mello Lisboa

Prof. Dr. Nildo Domingos Ouriques

Profª. Drª. Graciela de Conti Pagliari

Dedico este trabalho ao Prof. aposentado deste departamento Idaleto Malvezzi Aued pelo exemplo de simpatia, dignidade e humildade.

AGRADECIMENTOS

À minha família, composta não só por de laços de sangue, que sempre esteve ao meu lado.

Ao meu orientador, Prof. Armando de Mello Lisboa, que aceitou o desafio de trabalhar este tema e me incentivou em todo momento a não desistir.

Aos servidores da UFSC (técnicos e professores) que proporcionaram a estrutura para minha formação acadêmica, em especial a Flóri Vieira dos Santos e Marilúcia Augusto Vicente por me aturarem por tão longo tempo.

Aos amigos que conheci durante toda a minha jornada neste curso. À turma 2006/2 que me acolheu de forma espetacular. Ao amigo Gianni Rossi pelo apoio e revisão desta obra.

Ao amigo e professor Valdir Alvim pelas idéias e conversas acerca do meu tema. Nunca vou esquecer os diálogos que iniciavam com sua famosa frase: *“por que dentro de uma perspectiva marxista...”*

À Nildo Ouriques, que se mostrou no decorrer do curso muito mais que um professor e se prontificou a me ajudar na minha pesquisa quando acionado.

Ao professor Waldir José Rampinelli por proporcionar o semestre mais frutífero dentro desta instituição, o qual se deu sob sua tutela nas discussões de História da América Independente.

Aos professores de um modo geral, não só do Departamento de Economia como também aos professores do Departamento de História e de Ciências Sociais.

À todo pessoal do Financeiro do Hospital Universitário (HU-UFSC) pela fase especial que marcaram na minha vida.

Muito obrigado a todos!

"Em tempos de embustes universais, dizer a verdade se torna um ato revolucionário".

(George Orwell)

RESUMO

AZEVEDO, Cristiano da Silva. Política, Economia e Sociedade: Uma análise da obra de George Orwell. 73f. Curso de Ciências Econômicas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

As alterações econômicas ocorridas no início do século XX, que surgem como fruto do processo de amadurecimento da grande indústria moderna, iniciado no século anterior, reordenam o mundo de forma que as relações sociais nas diversas áreas do globo sofrem impacto direto deste movimento de aperfeiçoamento do modo de produção capitalista. Este trabalho se propõe a analisar este mundo em mutação a partir da ótica de George Orwell, pseudônimo de Eric Arthur Blair. Nascido em uma colônia asiática britânica, este autor terá sua obra influenciada incisivamente por muitos aspectos peculiares desta época. As marcas da ocupação estrangeira na Ásia, a situação dos pobres na Europa, o fetiche que o dinheiro e a mercadoria exercem na sociedade moderna, a guerra civil espanhola, o totalitarismo imposto pelo Estado e a situação da classe trabalhadora serão alguns dos pontos trabalhados no conjunto de sua obra. Estes aspectos em muito se assemelham com o objeto de estudo da economia política: As transformações sociais derivadas dos processos de produção do modo de existência.

Palavras-chaves: George Orwell; Política; Economia; Relações Sociais; Século XX.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Possessões coloniais das grandes potências.....	21
---	----

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Composição da esquerda Espanhola no ano de 1936.....	46.
---	-----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ILP	Independent Labour Party
POUM	Partido Obrero de Unificacion Marxista
URSS	União das Repúblicas Socialistas Soviéticas
EUA	Estados Unidos da América
CIA	Central de Inteligência Americana

SUMÁRIO

1 PROBLEMA DE PESQUISA	11
1.1 Introdução	11
1.2 Tema e problema.	11
1.3 Objetivos.....	12
1.3.1 Objetivo Geral.....	12
1.3.2 Objetivos Específicos.....	12
1.4 Justificativa	13
1.5 Metodologia e estrutura do trabalho	13
2 REFERENCIAL TEÓRICO.....	15
2.1 O uso da literatura nas Ciências Sociais.	15
2.2 O Conceito de Estrutura Econômica.....	16
2.3 A Nova conformação do Mundo: O alvorecer do século XX.....	18
3 GEORGE ORWELL: BIOGRAFIA	23
4 UM AUTOR POUCO CONHECIDO	30
4.1 O despertar crítico na Birmânia. Uma visão do Imperialismo Inglês.....	30
4.2 Amadurecimento na pobreza. Uma realidade ignorada pelo capitalismo.....	34
4.3 A sociedade de Mamon. Uma análise da classe burguesa na Inglaterra.....	38
5 O MUNDO ANIMAL DE ORWELL	44
5.1 A Guerra Civil Espanhola e seu impacto na obra de Orwell	44
5.2 A crítica à exploração do trabalhador	49
5.3 O futuro totalitário de Orwell	54
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	60
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	66
ANEXOS.....	69

1 PROBLEMA DE PESQUISA

1.1 Introdução

A chamada “Ciência Econômica” é caracterizada pela pluralidade de conhecimentos que a constitui e pela extensão considerável dos temas abordados. Estes conhecimentos derivam da aglutinação e tratamento de dados que o investigador econômico executa a partir da análise feita das características do modo de produção de uma sociedade, assim como seus determinantes e suas repercussões nas relações sociais. Este exercício de descobrir os parâmetros (momentâneos ou constantes) que ditam as relações entre os homens se dá dentro do cenário histórico. A economia enquanto ciência social explora, através da história, a necessidade da análise desta interatividade entre os atores sociais (HELBRONER, 1996).

No decorrer do processo histórico observa-se a inclinação dos indivíduos às relações de troca (SMITH, 1996). Estas relações, que constituem modos de organização da reprodução da vida, atravessaram vários períodos assumindo diversas conformações (escravismo, feudalismo, mercantilismo, etc...) (MARX, 2000) até atingir a fase em que o indivíduo transcende as simples relações de trocas e acumulação de riquezas para um novo modo de reprodução, onde a manutenção e ampliação do capital são os novos ditames (MARX, 1996 a).

A evolução da indústria e o esgotamento dos mercados internos levaram as nações industriais européias à conquista de novos mercados (consumidores e de matéria-prima) no fim do século XIX e início do século XX. Entretanto, esta nova divisão do mundo difere em muito da colonização ocorrida no século XVI e XVII. Agora a busca não é por simples expansão territorial e sim comercial (LÊNIN, 1916). África e Ásia são totalmente destrinchadas como uma presa é dilacerada por animais desesperados. Esta é a fase do imperialismo, que deixará fortes impressões na constituição do século passado.

1.2 Tema e problema.

Neste contexto histórico, mais precisamente no início da primeira década do século XX, surge na Birmânia¹ o ator central deste estudo; Eric Arthur Blair (1903-1950). Diante dos fatos e da realidade concreta de seu tempo decide analisar e descrever de forma crítica a

¹ País do sul da Ásia continental limitado ao norte e nordeste pela China, a leste pelo Laos e a sudeste pela Tailândia.

sua época, assumindo o pseudônimo de George Orwell² (NETO, 1984). Sua obra é uma forte e precisa descrição de como eram Europa e Ásia do início do século passado até sua metade.

Muitos são os aspectos encontrados na sua bibliografia, sendo que todos giram em torno das relações criadas a partir da atmosfera de mutações econômicas de sua época. Sua produção literária é na verdade um relato biográfico de suas experiências e sua percepção acerca da sociedade do século XX, assumindo por vezes a forma de romances ou analogias. Sua obra envolve questões que vão desde os impactos do Imperialismo na Ásia e África (ORWELL, 1986b), passando pela guerra civil espanhola (ORWELL, 1986c) e culminando em uma ardorosa crítica à exploração do trabalhador e ao controle totalitarista exercido pelo Estado (ORWELL 2007b).

Este trabalho tem por objetivo suscitar a importância deste autor como um poderoso auxílio à construção do trajeto sócio-econômico dos continentes europeu e asiático, em especial no período de 1910 a 1948, uma vez que este autor adentrou no íntimo das transformações sociais e nas conseqüências que o avanço e desenvolvimento das sociedades baseadas em modos de produção capitalista e socialista trouxeram à época. Para Tanto, nos propomos a identificar sua perspectiva de análise a partir de seus escritos.

1.3 Objetivos

1.3.1 Objetivo Geral

Analisar a Obra de George Orwell identificando elementos que a qualifiquem para participar na discussão da Economia no século XX, enquanto Ciência Social.

1.3.2 Objetivos Específicos

- Revisar as principais transformações estruturais pelas quais o modo de produção capitalista passou na segunda metade do século XIX para uma melhor compreensão da realidade concreta de Orwell.
- Apresentar sua trajetória biográfica e literária, a partir da influência do contexto político/econômico do período compreendido entre 1900 a 1945, para estabelecer os aspectos mais incisivos na sua produção literária.

² Ver ANEXO A

- Expor a perspectiva do autor, mediante a sua observação das diversas relações da sociedade de sua época, utilizando como base de fundamentação sua obra.
- Identificar a contribuição deixada por Orwell para a discussão da sociedade a partir de uma análise crítica de sua estrutura econômica.

1.4 Justificativa

O presente trabalho tem como missão, discutir a primeira metade do século XX a partir de uma visão crítico/literária de um autor não-acadêmico, mas que elaborou uma rica obra com forte enraizamento nos aspectos políticos, sociais e econômicos.

Este estudo é de extrema relevância uma vez que foge à regra dos habituais temas de pesquisa em economia e ao mesmo tempo nos coloca diante de uma crítica ao próprio modo de análise do pensamento econômico, que constantemente vem sendo seduzido a deixar os problemas sociais de lado para abraçar somente os aspectos técnicos e quantitativos da Ciência Econômica.

Acrescenta-se como condicionante investigativo a abordagem de questões polêmicas que Orwell se propôs a fazer em sua época e que repercutem até os dias de hoje. Tal distinção digna de crédito se dá na genialidade trabalhar temas tão ousados, gerando conseqüentemente um alto nível de restrições (em especial no que se refere à dificuldade encontrada em publicar suas obras), algo comum em escritores que se predispõem em descrever criticamente sua realidade.

Apesar de todos estes aspectos, é um escritor pouco trabalhado ou até mesmo não mencionado no seio das discussões que norteiam as ciências econômicas, motivo pelo qual esta investigação torna-se mais interessante. Sua abordagem (com forte enraizamento anarquista) é sem dúvida alguma, uma das mais ricas e frutíferas para análise de seu período, sendo capaz de romper a barreira de tempo e espaço em que muitos pensadores se limitam ao escrever.

1.5 Metodologia e estrutura do trabalho

Para organizar um trabalho científico é imprescindível saber e conhecer os recursos empregados que irão nos levar aos resultados esperados (CERVO; BERVIAN, 1983). Uma metodologia se faz necessária para a organização e estrutura das informações, além de estabelecer um tratamento específico para os fatos e ocorrências a serem analisadas.

Esta pesquisa se caracteriza por apresentar um caráter exploratório e descritivo simultaneamente (LAKATOS, 1983), pois traz à tona a discussão de uma obra pouco explorada no meio acadêmico além de relacionar-se com temas bastante conhecidos do universo sócio-econômico. Para a constituição do trabalho utilizaremos fontes primárias, sendo todos os dados de teor qualitativo. Dentre elas encontram-se obras acadêmicas, que darão sustentação ao corpo do trabalho, além é claro das obras do autor, que terão a principal participação na composição desta análise.

O arcabouço teórico no qual se fundamentará esta pesquisa relaciona-se diretamente com a área da ciência econômica conhecida como *Economia Política*. Inicialmente será apresentado, com fins delimitar a linha de análise deste estudo, a abordagem teórica a ser adotada e seguida para a constituição deste trabalho.

Na seqüência, será feito um conciso, porém necessário, resgate histórico da expansão e modificação ocorrida na Europa e Ásia (política e economicamente) no período assinalado anteriormente, no qual utilizaremos autores tanto da história quanto do pensamento histórico econômico geral. Este recorte será de extrema importância para compreensão da conjuntura à qual estava sujeito o indivíduo desta investigação.

A introdução a Orwell dar-se-á através de sua biografia contendo a enumeração de suas obras e os principais fatos de sua vida, os quais foram determinantes para a constituição de seu trabalho.

Os capítulos seguintes trarão os assuntos fundamentais desta pesquisa. Neles apresentaremos os temas chaves que permeiam seus escritos, expondo sua perspectiva proveniente de suas experiências (abordando, sempre que possível, os aspectos políticos e econômicos). A organização será feita por temática, sendo deste modo, os seguintes assuntos abordados:

- A fase Imperial na Birmânia
- O convívio com a miséria na Europa
- A análise da classe média inglesa
- A guerra civil espanhola e sua importância histórica
- A crítica à exploração do trabalho e ao estado totalitário

O encerramento da obra se dará com as considerações finais acerca da pesquisa e a indicação das contribuições deste autor na discussão da Ciência Econômica.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 O uso da literatura nas Ciências Sociais.

É um tanto incomum, ao se tratar de textos de economia, encontrar trabalhos que tenham o seu ponto de partida embasado em obras de cunho literário. Este fato pode ter seu enraizamento em uma postura indevida no que se refere ao tratamento dado aos textos denominados “não-científicos” (MAX-NEEF, 1986). Para tanto, faz-se imperativo discutir o que vem a ser ciência e conhecimento.

O conhecimento científico lida com fatos e objetos, se caracterizando pela verificabilidade. Entretanto ele não é exato apesar movimentar-se em construções de hipóteses que, em determinado momento, demonstram-se como verdades absolutas ou definitivas. O conhecimento popular por sua vez é descompromissado com uma sistemática racional sendo; subjetivo, sensitivo e superficial (LAKATOS, 2008). A retórica é a técnica (ou arte) de persuadir o interlocutor através da oratória ou de outros meios de comunicação. A ciência é também um empreendimento retórico. Ela depende crucialmente da eficácia e da precisão das práticas de comunicação que adota (MASSARANI, 2005).

A atual cultura acadêmica econômica tende a comprovar suas verdades absolutas através de modelos estatísticos ou econométricos. A retórica na ciência econômica cada vez mais se debruça em números, abandonando os parâmetros qualitativos que marcavam os clássicos da economia política, mergulhando de forma intensa em aspectos quantitativos. Segundo Lisboa (1998, p.5), *“as estatísticas (os números) não falam por si, não tem valor próprio e suficiente”*.

Segundo Max-Neef (1986, p.40), ainda que importantes, os instrumentos quantitativos utilizados, principalmente no universo macroeconômico, podem ser *“seletivos e discriminatórios quando se referem à massa dos seres humanos”*. Segundo Lisboa (1998, p. 7), *“As limitações do aparato conceitual se enraízam nos pressupostos sobre os quais se baseiam nossas categorias, o que exige uma reflexão no nível epistemológico, se não ontológico”*. É necessário, ao se tratar de Economia, ter a compreensão de que a pessoalidade nos fatos é primordial, não esquecendo que esta ciência trata da relação entre indivíduos e não da relação entre números.

A literatura desempenha, entre outras, a função primordial de proporcionar conhecimento, além de participar de forma preponderante e singular da própria humanização

do homem. Apesar da sua função ímpar, a literatura não logra (em muitos casos) o mesmo reconhecimento que textos científicos têm quando se fala em embasamento teórico.

A idéia que norteia este projeto é que literatura e ciência podem caminhar em harmonia, mesclando-se para que haja o desenvolvimento do conhecimento, independente das preconizações em dar mais importância ao que é ou não científico. Segundo Scliar (2004, p.3) *“A escrita de um texto ficcional não necessariamente rejeita essas qualidades que caracterizam o texto científico. Não existe aquilo, que no passado se falava, de duas culturas separadas: a literária e a científica. Na verdade, são dois compartimentos de uma mesma cultura”*

Deste modo, a literatura deve ser encarada com o mesmo respeito intelectual que um texto denominado científico, atendo-se ao cuidado com os nexos e as contribuições que estes podem trazer a determinada pesquisa.

2.2 O Conceito de Estrutura Econômica

A execução deste trabalho se dará na perspectiva da análise da “Estrutura Econômica” como espinha dorsal das relações do homem moderno em sociedade, não adotando isoladamente o conceito de “Fator econômico” em uma sociedade, pois de acordo com a abordagem proposta por Karel Kosik, tais categorias não têm o mesmo significado.

A “estrutura econômica” segundo Kosik (1976), na concepção materialista, está indissolúvelmente associada à problemática do trabalho e da práxis. Ela é totalmente contrária à idéia proposta pelo conceito de “fator econômico” que deriva da *Teoria dos Fatores*. A distinção de Kosik entre estes dois conceitos é nítida e esclarecedora:

A distinção entre a estrutura econômica (que é um dos conceitos fundamentais do materialismo histórico) e o fator econômico (conceito que aparece vulgarmente nas teorias sociológicas vulgares) nos dá a chave para compreender o significado central da economia política no sistema das ciências sociais e o primado da economia na vida social.

[...] A teoria dos Fatores assevera que um fator privilegiado, a economia, determina todos os outros fatores [...], mas deixa de lado o problema de como surge e como se configura o complexo social, isto é a sociedade como formação econômica; e pressupõe a existência de tal formação como fato já dado [...] A teoria materialista ao contrário parte do conceito de que o complexo social (a formação econômico-social) é formado e constituído pela estrutura econômica. A estrutura econômica forma a unidade e a conexão de todas as esferas da vida social.

(KOSIK, 1976, p. 99-107)

Esta observação nada mais é que uma reafirmação do conceito de materialismo histórico já abordado por Marx e Engels. Ao atuar sobre a natureza, tendo por determinação transformá-la a fim de garantir sua existência, o homem cria uma específica forma de organização social e política. No prólogo da versão espanhola de “*Para uma Crítica da Economia Política*” encontram-se as bases para a discussão a qual Kosik se propõe.

El conjunto de estas relaciones de producción forma la estructura económica de la sociedad, la base real sobre la que se levanta la superestructura jurídica y política y a la que corresponden determinadas formas de conciencia social. El modo de producción de la vida material condiciona el proceso de la vida social política y espiritual en general. No es la conciencia del hombre la que determina su ser sino, por el contrario, el ser social es lo que determina su conciencia.

(MARX, 2001, p.1)

O processo de amadurecimento desta estrutura leva ao aperfeiçoamento dos métodos produtivos e conseqüentemente, como fruto do mesmo, ao surgimento de novas categorias de relações sociais orbitais derivativas a este meio reprodutivo, conformando assim toda uma gama de peculiaridades ao conjunto de indivíduos que a compõem. O aparecimento destas novas relações, segundo Marx, é algo naturalmente esperado sendo que estas novas categorias do trabalho são independentes umas das outras mantendo, todavia, sua relação direta e originária com a produção. Em carta³ a Konrad Schmidt sustenta esta afirmação:

Donde la división del trabajo existe en escala social, las distintas ramas del trabajo se independizan unas de otras. La producción, es en última instancia, lo decisivo. Pero en cuanto el comercio de productos se independiza de la producción propiamente dicha, obedece a su propia dinámica, que aunque sometida en términos generales a la dinámica de la producción, se rige, en sus aspectos particulares y dentro de esa dependencia general, por sus propias leyes contenidas en la naturaleza misma de este nuevo factor. La dinámica del comercio de productos tiene sus propias fases y reacciona a la vez sobre la dinámica de la producción.

Este processo de divisão do trabalho impregna ao homem aspectos relacionados à sua função social no modo de reprodução desta sociedade. A aglutinação dos diversos ramos desta divisão social do trabalho, com as esferas sociais que permeiam a existência do homem, forma a *Estrutura Econômica*. As observações que se darão a partir da análise da Obra de

³ Documento escrito em Londres e datado de 27 de outubro de 1890.
Disponível em: <http://www.marxists.org/espanol/m-e/cartas/e27-x-90.htm>
Último acesso em 21/08/2010 às 21:07 hs

Orwell, seguirão este caminho: compreender a estrutura econômica à qual este autor estava inserido, tendo como base, sua observação empírica registrada em sua obra.

2.3 A Nova conformação do Mundo: O alvorecer do século XX

Ao estudar os elementos que influenciaram ou que foram determinantes na produção literária de qualquer pensador é imprescindível compreender a conjuntura histórica a que este estava condicionado. Neste estudo em questão retornaremos ao período imediatamente anterior ao século XX para compreender assim sua gênese. Este breve resgate se dará dentro do campo das transformações sócio-econômicas que terão influência de forma direta ou indireta na obra do autor objeto deste estudo.

A história da segunda metade do século XIX é primariamente a do avanço maciço do capitalismo industrial em escala mundial. Este enredo é caracterizado pelo desenvolvimento intensivo das técnicas produtivas. A Europa do artesão e do rendeiro mostrou-se como um continente composto de cidades industrializadas, *“onde os utensílios manuais transformaram-se em máquinas e a lojinha do artesão foi substituída pelas fábricas”* (LUZ, 2001, p3). Esta foi sem dúvidas uma das mais significativas transmutações deste período.

As modificações dos grandes centros europeus apresentam-se de forma mais acentuada a partir de 1870 e estão diretamente relacionadas com a segunda fase da revolução industrial⁴. Landes (1969b) assinala que nesta época se aperfeiçoam novas fontes de energia como a eletricidade, e o petróleo, além de grandes inventos como o motor à explosão, o telégrafo, corantes sintéticos, o que posteriormente resulta em uma intensa concentração industrial.

O Aço, que veio a ser um novo material desenvolvido, seria fundamental para este novo momento da indústria. Na década de 1870 foi inventado o aço básico, de menor custo. Estas inovações causaram uma queda de preço de cerca de 80% a 90% entre 1860 e 1895 do ferro (DATHEIN, 2002), o que levaria sua substituição pelo aço nas ferrovias, na confecção de armamentos, e no setor naval (LANDES, 1969a), gerando um grande crescimento na sua produção. Na Grã-Bretanha, a produção que era de 49 mil toneladas em 1850, alcançaria em 1880 1,44 milhão de toneladas. Como elementos substitutivos, foram introduzidos vários novos elementos na metalurgia, como o tungstênio, o manganês, o cromo e o níquel (HOBBSAWM, 1968, p. 107 e 163). Segundo Hobsbawm (2003), a primeira fase da revolução industrial coincidiu com a história de um único país: a Inglaterra. Todavia, nos

⁴ Há um consenso entre os historiadores que a chamada segunda revolução industrial tenha se iniciado entre os anos de 1850 a 1870.

últimos trinta anos deste século, outros países europeus também tinham avançado bastante no campo industrial.

Tal incremento tecnológico ao processo produtivo convergiu para uma concentração da produção. Esta aglutinação por sua vez levou ao surgimento de empresas cada vez maiores, o que inevitavelmente fez eclodir umas das mais peculiares características do capitalismo segundo Lênin (2002): o monopólio. O desenvolvimento dos monopólios começa com a depressão da indústria internacional ocorrido na década de 1870. Se resumidamente necessitássemos expor a ordem cronológica, do surgimento ao desenvolvimento dos monopólios, a passagem a seguir cumpriria este papel:

Assim, o resumo da história dos monopólios é o seguinte: (1) Décadas de 1860 e 1870, o grau superior, culminante, de desenvolvimento da livre concorrência. Os monopólios não constituem mais do que germes quase imperceptíveis. (2) Depois da crise de 1873, longo período de desenvolvimento dos cartéis, os quais constituem ainda apenas uma exceção, não são ainda sólidos, representando ainda um fenômeno passageiro. (3) Ascenso de fins do século XIX e crise de 1900 a 1903: os cartéis passam a ser uma das bases de toda a vida econômica. O capitalismo transformou-se em imperialismo.

(LENIN, 2002, p.17)

Em paralelo ao desenvolvimento da grande indústria (que agora assume uma nova forma) os bancos obtiveram um desenvolvimento sem precedentes. Semelhante ao setor produtivo, estas instituições financeiras partem para um processo de concentração, o que leva naturalmente à tendência monopolista. Conforme Lênin observa (2002, p.31), *“tem-se podido observar com mais frequência o germe de acordos realizados entre consórcios de grandes bancos e acordos cuja finalidade é limitar a concorrência”*. Tais surgimentos, tanto do monopólio produtivo (ou industrial), quanto do monopólio bancário, resultaram no fortalecimento de uma nova classe: a oligarquia financeira.

A incorporação do setor produtivo pelo setor especulativo (ou financeiro) se dá em grande medida através da aquisição de parte das ações destas companhias. A gama de operações praticadas por esta oligarquia é bastante diversificada. Dentre estas operações, a mais incisiva para este estudo é a exportação de capital para o estrangeiro, o que será de fato uma das motivações da nova corrida colonial iniciada ainda no século XIX.

Ao analisar todo o período de “progresso” técnico observado anteriormente, a tendência à estagnação dos mercados internos levaria a uma inevitável necessidade de expansão desta Indústria (agora comandada pela oligarquia financeira) para os mercados externos. *“O mundo estava, portanto dividido em uma parte menor, onde o progresso*

nascera, e outra, muito maior aonde chegara como conquistador estrangeiro, ajudado por uma minoria de colaboradores locais” (HOBSEAWM, 1988, p.53). Este era o pretexto para a saída do capital para o estrangeiro, a “exportação do progresso tecnológico”. Todavia, esta era uma via de mão dupla, onde o lucro gerado com os investimentos nos países colonizados somava-se à extração de matérias-primas e bens de produção com destino às metrópoles industriais.

O grande desafio agora era estabelecer um meio eficaz de resolver a questão da partilha deste mercado mundial. No último capítulo sobre um estudo do capitalismo moderno, Hobson aponta qual foi o caminho a ser tomado pelas grandes nações capitalistas.

A única salvação contra os custos e perigos do nacionalismo econômico está num grau avançado de internacionalismo, assegurado por acordos políticos aperfeiçoados entre as potências. São facilmente perceptíveis, sob a capa das injustiças raciais, nacionais e sentimentais, que se vêm delineando no primeiro plano do palco da História como causas de guerra, as lutas dos grupos comerciais, manufatureiros e financeiros, que usam a “política externa” de seus respectivos governos para estender seus interesses privados de lucro.

(HOBSON, 1996, p.312)

Já bastante elucidativo em sua proposição dos motivos pelos quais se dá a partilha do globo, Hobson continua sua análise inferindo sobre a forma como ela se dá, e as conseqüências de tal ato.

Vê-se que as queixas reais, as aspirações e reivindicações que formulam a política são de caráter fundamentalmente econômico: o desejo de acesso a vias e portos comerciais, a luta por mercados e, acima de tudo, o estabelecimento do controle capitalista sobre os recursos não explorados de países grandes e atrasados, que têm oferta de mão-de-obra barata e governos fracos ou corruptos. Para que se possa conseguir paz duradoura, é indispensável chegar a acordos internacionais, voltados primordialmente para a eliminação de conflitos de interesses mercantis e das conseqüentes contendas políticas que surgem entre países industriais e comerciais adiantados em torno de mercados e investimentos lucrativos.

(HOBSON, 1996, p.312)

Deste modo, o avanço do modo de produção capitalista entra num novo patamar: o de reorganização econômica (com conseqüências geopolíticas) do globo para atender as necessidades das grandes corporações. *“Os países exportadores de capitais dividiram o mundo entre si, no sentido figurado do termo, mas o capital financeiro conduziu a partilha direta”* (LENIN, 2002, p.51). Para uma melhor compreensão de como o globo foi repartido,

Lênin elaborou um quadro com dados de dois autores (Supan⁵ e Hubner⁶) acerca da ocupação geográfica na fase do imperialismo em distintas épocas. Contrapondo os dados destes dois autores, o resultado apresentado foi:

TABELA 1 - POSSESSÕES COLONIAIS DAS GRANDES POTÊNCIAS

(Em milhões de quilômetros quadrados e em milhões de habitantes)

	Colônias				Metrópoles		Total	
	1876		1914		1914		1914	
	Km ²	Hab	Km ²	Hab	Km ²	Hab	Km ²	Hab
Inglaterra	22,5	251,9	33,5	393,5	0,3	46,5	33,8	440,0
Rússia	17,0	15,9	17,4	33,2	5,4	136,2	22,8	169,4
França	0,9	6,0	10,6	55,5	0,5	39,6	11,1	95,1
Alemanha			2,9	12,3	0,5	64,9	3,4	77,2
Estados Unidos			0,3	9,7	9,4	97,0	9,7	106,7
Japão			0,3	19,2	0,4	53,0	0,7	72,2
Total das seis grandes potências	40,4	273,8	65,0	523,4	16,5	437,2	81,5	960,6
Colônias das outras potências (Bélgica, Holanda, etc)							9,9	45,3
Semi-colônias (Pérsia, China, Turquia)							14,5	361,2
Outros Países							28,0	289,9
<i>Toda a Terra</i>							133,9	1657,0

Fonte: Lênin, 2002 (Elaboração a partir de dados de Supan e Hubner)

O mundo passa por uma nova conformação política e geográfica. O imperialismo não pode ser visto apenas como um processo de domínio político e econômico. O resultado deste trecho da história traria fortes marcas aos costumes tanto das nações ocupadas quanto das nações dominantes. O colonialismo, que é um dos pilares onde se estrutura o processo de domínio imperial, injeta nas culturas locais traços dos padrões sociais e de consumo que geralmente são desastrosos aos países dominados.

⁵ A. Supan, *Die Terriale Entwicklung der europäischen Kolonien*, 1906, S 254. O autor em questão fornece em obra mencionada dados sobre as possessões coloniais de todas as potências do mundo, comparando o ano de 1876 e 1900, todavia somente o primeiro ano é utilizado por Lênin em questão.

⁶ Tábuas Geográfico-Estatísticas. Enquanto Supan estuda somente as colônias, este estudo de Hubner proporciona breves dados sobre os países não coloniais, entre os quais foram incluídos a critério de Lênin a Pérsia, a China e a Turquia.

Toda esta convergência de acontecimentos históricos iria construir a realidade concreta à qual Orwell estaria exposto. Esta série de mudanças seria a gênese de um novo período na história: o século XX.

3 GEORGE ORWELL: BIOGRAFIA

Na primeira década do século XX nasceu Eric Artur Blair (em 25/06/1903) sob os ares da cidade de Mothiari, na Índia sob domínio inglês. Filho de Richard Walmesley Blair (na época funcionário público), sua família tinha um longo histórico a serviço do Império Britânico. Não há fontes biográficas acerca dos oito primeiros anos de sua vida.

Eric descrevia sua família como pertencente à “baixa classe média alta”. *Nesta definição ele pretendia encaixar uma determinada camada da sociedade inglesa que teve seus dias de glória durante o período de prosperidade que foi o reinado da rainha Vitória* (NETO, 1984, p.15). Em 1911 a Família Blair retorna à Inglaterra.

A volta à metrópole deixava uma família anglo-indiana numa situação bastante adversa à vivida na colônia. O “status artificial” gerado por estar automaticamente acima de toda a população nativa na escala social, já não era uma vantagem presente no retorno à velha pátria. A família Blair esforçava-se para manter-se aparentemente acima dos trabalhadores braçais, pequenos comerciantes e outros que tivessem profissões indignas de um *gentleman*. Deste modo, a educação de Eric convergiu neste sentido; “*o de sacrificar-se por qualquer coisa que demonstrasse inequivocamente esta superioridade*” (NETO, 1984, p.16, 17).

Aos oito anos de idade vai para uma escola de regime de internato, a *Saint Cyprian's Private School*, que serviu como preparatória à sua admissão nas *Public Schools*, escolas particulares e caras que formavam a elite dirigente do país. Eric conseguiu uma bolsa para a prestigiada Academia de Eton onde se destacava como bom aluno. A atmosfera elitizada em Eton conformara no jovem Blair a postura com a qual a classe aristocrática inglesa encarava o mundo e as mudanças⁷ sociais em sua volta. Segundo Neto (1984, p.20):

[...] ele próprio se descrevia como um socialista esnobe, que detestava o sotaque, os hábitos e quase todo o resto da classe trabalhadora, com quem, aliás, não tinha contato. [...] Mais tarde ele escreverá⁸ que a educação proporcionada pelas *public schools* é em parte um treinamento em preconceito de classe, em parte uma espécie de imposto que as classes médias pagam para entrar em certas profissões.

⁷ Nesta época a primeira grande guerra havia acabado e havia ocorrido a revolução russa. Uma onda revolucionária se espalhou pela Europa.

⁸ A questão da educação aparece em quase todos os romances de Orwell como um importante meio para definir a personalidade dos personagens. Gordon Comstock, de *A Flor da Inglaterra* (ORWELL, 2007a), é particularmente revelador. Sua família faz sacrifícios para mantê-lo em uma boa escola e ele sofre por conviver com crianças de famílias elitizadas.

O ambiente de solidão e isolamento provado neste período, como o próprio autor cita no irônico ensaio *Tais, tais eram as alegrias*,⁹ contribuiu para o desenvolvimento da introspecção necessária à criação literária. Ao sair de Eton não escolheu o caminho normalmente trilhado por seus colegas, o de ir para a universidade, decidindo ir para a Birmânia alistando-se na polícia imperial Britânica.

Em novembro de 1922 chega a Mandalay servindo¹⁰ até 1927 em diversas localidades como Maymio, Myaungmya, Twante, Syriam, Insein, Moulmein e Katha. Sua estada na colônia, logo demonstraria as sutilezas existentes no relacionamento entre os “nativos” e os “homens brancos”. A superioridade racial e a necessidade de diferenciar-se o máximo possível dos povos subjulgados eram alguns pressupostos do imperialismo que logo descobriria. Segundo Neto (1984, p.27), Eric *“Logo perceberia que seu papel nesta engrenagem de dominação era dos mais sujos, pois era na força das baionetas que tudo se sustentava”*. Anos mais tarde abordaria em seu primeiro romance¹¹ o retrato social e econômico da Birmânia com a ocupação inglesa.

Durante sua estada na Birmânia, um episódio peculiar marcaria a vida deste autor. Um dia, no seu horário de escala da guarda, fora solicitado por nativos para conter uma suposta ameaça de um elefante desgovernado que adentrara em uma cidade. Horas depois de iniciada a “caçada” encontraria este animal calmo e contido alimentando-se em um campo de arroz. Todavia, a multidão que o cercara esperava dele, a figura presente do dominador, uma mostra de tal poder. Em um de seus ensaios¹², ele descreve:

E foi naquele momento, parado com o fuzil nas mãos, que compreendi pela primeira vez o vazio, a futilidade do domínio dos brancos no Oriente. Ali estava eu, o branco com uma arma de fogo, diante de uma multidão de nativos desarmados – aparentemente o ator principal da cena, mas na realidade apenas um fantoche absurdo empurrado de um lado para o outro pela vontade daqueles rostos amarelos atrás de mim. Entendi naquele momento que quando o branco se torna tirano, é sua própria liberdade que ele destrói.

(ORWELL, 2005b, p.65)

⁹ “Such, such were the joys” – Orwell; 1946. Neste ensaio, o autor relata sua passagem por Saint Cyprian’s e Eton, salientando a rotina de castigos físicos e psicológicos aos quais era exposto por conta de sua condição social.

¹⁰ Ver ANEXO B

¹¹ *Burmese Days* (1934) - *Dias na Birmânia* (título no Brasil)

¹² *Shooting an Elephant* (1936) - *O abate de um Elefante* (título no Brasil)

O desfecho deste episódio traria a Blair a certeza da inutilidade do Imperialismo. Escravo do seu personagem, de sua figura dominadora, mata o elefante e chega à conclusão de quão vazia era a atmosfera gerada no processo colonial. “*Muitas vezes me perguntei se alguém percebeu que fiz o que fiz unicamente para evitar parecer um bobo*” (ORWELL, 2005b, p.69). A partir deste instante, encarava sua estada na Birmânia como uma situação sem condições de ser mantida.

O fato de ter permanecido por vários anos neste país, serviu para ele como um aprendizado lento da mecânica da espoliação, especialmente o lado econômico dela. Não havia como discutir seu ponto de vista com ninguém, pois se por um lado poderia ser considerado subversivo por seus colegas, por outro era odiado pela população local enquanto membro da polícia imperial. Ao retornar da experiência na Birmânia, quase uma década depois de ingressar na força imperial, Eric passa por uma mudança no mínimo intrigante: de policial a mendigo.

Durante um ano (entre 1928-1929) Eric sentia que devia escapar não só da atmosfera do imperialismo, mas de qualquer forma do domínio do homem sobre o homem (Orwell, 2006b) “*e foi munido desta fé que vestiu as roupas apropriadas, depois de sujá-las nos lugares certos*” (NETO, 1984 p.34). Convivendo entre os pobres e vivenciando o extremo da exclusão social, tem a inspiração para sua primeira obra¹³, sendo o primeiro trabalho a aparecer sob o pseudônimo George Orwell¹⁴.

Seu primeiro reduto como morador de rua foi a cidade de Paris. Neste período ficou sem dinheiro, passou fome e trabalhou nas mais diversas ocupações destinadas àqueles “*pior posicionados na escala social*”. Algumas obras foram escritas nesta época ímpar de sua vida, todavia, a maioria desapareceu devido à precariedade dos locais onde morava (geralmente albergues e abrigos coletivos). Este momento foi de crucial importância, pois marcaria de forma incisiva o processo de rompimento com as convicções geradas no convívio de uma sociedade mediocrizada.

Convivendo com vagabundos dos mais diversos ele chegou a várias conclusões (ao mesmo tempo em que se livrara de parte considerável de seus preconceitos). [...] A imbecilidade da classe média (à qual Orwell pertencia

¹³ *Down and Out in Paris and London* (1933)- Na pior em Paris e Londres (título no Brasil)

¹⁴ A origem do pseudônimo segundo alguns historiadores está relacionada com o ato de cortar o passado que queria esquecer, de humilhações na adolescência e o peso da experiência colonial. Outros nomes cogitados foram P. S. Burton (que ele usava como mendigo), Kenenth Miles e H. Lewis Allways. (NETO, 1984)

com certo desconforto, mas nunca caiu no erro de fingir que era outra coisa) era um obstáculo a qualquer mudança na percepção destes homens.
(NETO, 1984, p. 37-38)

Ao término deste estágio de “humanização” volta à Inglaterra em 1931, indo morar com os pais onde começa a produzir outras obras. Enquanto escreve *Burmese Days* (já mencionado anteriormente), *Down and Out in Paris and London* é recusado várias vezes, sendo publicado somente em 1933 com alterações feitas por Orwell a pedido de seu editor, pois naquela época era possível ir pra cadeia por publicar palavrões. O livro é publicado primeiro nos Estados Unidos.

Durante este intervalo (1931-1933) dá aulas numa escola privada para garotos (NETO, 1984). Sua saúde começa a mostrar sinais de debilidade em decorrência do período de exposição que viveu nas ruas de Paris e Londres. As crises de pneumonia tornam-se parte integrante de sua vida.

Em 1934, pelo receio do impacto que a obra causaria no mercado interno, seu editor decide publicar *Burmese Days* nos Estados Unidos inicialmente, sendo lançado em Nova Iorque. Nesta época trabalha em uma livraria, que vem a ser o laboratório de seu novo projeto: *Keep The Aspidistra Flying*¹⁵, tendo como trabalho em paralelo *A clergyman's daughter* (A filha do reverendo), ambos influenciados fortemente pela questão do dinheiro e sua ação corrosiva na sociedade. As semelhanças entre as duas obras param por aí, entretanto.

Em março de 1935 sai a primeira publicação de *A clergyman's daughter*, e em 1936 é lançado nos Estados Unidos. Não ao acaso as primeiras publicações de suas obras eram feitas na América. Havia certa desconfiança com sua incisiva forma de escrever os aspectos sociais na sua terra natal, sendo *A clergyman's daughter* seu primeiro trabalho a ter sua publicação inicial na Inglaterra. *Burmese Days* é lançado em Londres com várias adaptações.

No início de 1936 sai *Keep The Aspidistra Flying*. Viaja para o norte da Inglaterra atingido pela recessão. Neste período, Victor Gollancez (seu editor) encomenda um livro com o objetivo de descrever a vida dos trabalhadores do norte da Inglaterra atingida pela crise. De 31 de janeiro a 30 de março de 1936 ele esteve coletando material em Lancashire e Yorkshire para escrever este livro. A obra é estruturada em duas partes. Na primeira ele descreve o que viu e a segunda sobre a necessidade do socialismo. Nesta obra Orwell mostra “a dificuldade

¹⁵ Lançado inicialmente no Brasil como “Mantenha o Sistema” e em Portugal como o “Vil metal”. A editora **Companhia das letras** adotou recentemente o título “A Flor da Inglaterra”.

de alguém pertencente à classe média, trazendo uma série de preconceitos de superação difícil, em relacionar-se com o proletariado” (NETO, 1984, p.44).

Em abril do mesmo ano, muda-se para um pequeno vilarejo em Hertfordshire onde encontrou a tranquilidade necessária para escrever *The Road To Wigan*¹⁶ *Pier* (mencionada anteriormente). No dia 9 de junho de 1936 casa-se com Einleen na paróquia local, porém a pacífica vida de casal acabou sendo atrapalhada por eventos externos. Em julho começa a guerra civil na Espanha e “*Orwell que se definia mais como um antifascista do que como socialista*” (NETO, 1984, p.49) decidiu ir para lá. Ao terminar seu último manuscrito, consegue uma publicação pelo *Left Book Club* (uma espécie de clube do livro de esquerda - nesta época com 40000 membros), o que para ele foi um bom negócio. Filia-se temporariamente ao **ILP**¹⁷ e parte em dezembro para a Espanha onde se alistaria na milícia do **POUM**.

Ao chegar em Barcelona, ainda governada pela classe trabalhadora, era nítido o impacto do regime operário na atmosfera da cidade. As formalidades impostas pelo capitalismo já não eram vistas no cotidiano dos espanhóis. As saudações como *Don, Señor ou Usted* eram substituídas por tu ou camarada (sem o tom artificial que esta última era usada constantemente na Inglaterra). Segundo Neto (1984, p.50), “*ele pôde respirar uma atmosfera de igualdade, na qual seres humanos tentavam se comportar como seres humanos e não como peças na engrenagem capitalista*”. O ambiente de guerra, privação e sofrimento era mitigado pelo sentimento de que se lutava por algo que valia a pena (NETO, 1984).

Durante seu treinamento¹⁸ na Catalunia, Orwell iria se deparar com a realidade trazida pela guerra. O idealismo e determinação dos milicianos eram proporcionais à ineficiência militar do POUM, expressa tanto na questão do não abastecimento dos suprimentos de subsistência dos soldados, quanto na indisponibilidade de armamentos. Fome, frio, medo, rotinas desagradáveis e toda ordem de peste trazida pela aglutinação de corpos em decomposição eram parte da nova rotina da vida em trincheiras.

Em seu regresso à Barcelona, depois de três meses na frente de batalha, encontra a cidade com os ares bem diferentes de sua primeira visita. Intrigas entre os diversos grupos políticos que compunham o movimento de resistência faziam com que a mesma se debilitasse

¹⁶ A Caminho de Wigan Pier (título no Brasil)

¹⁷ Partido Trabalhista Independente, de cisão à esquerda do partido trabalhista. Este partido mantinha boas relações com o POUM.

¹⁸ Ver ANEXO D

a cada dia. Os comunistas atacavam com veemência os anarquistas e os trotskistas do POUM (os quais eram acusados de serem espiões fascistas). Desiludido com o rumo que tomava o movimento, retorna à frente de batalha onde é ferido à bala, na altura do pescoço, o que danificaria suas cordas vocais permanentemente. “*Estou até contente por ter sido atingido por uma bala porque eu acho que isso irá acontecer a todos num futuro próximo, e estou alegre por saber que não dói falar do assunto*” descreve em carta a um amigo (NETO, 1984, p.55).

Após sua recuperação deste incidente, foi forçado a fugir da polícia comunista depois que o POUM foi declarado fora da lei. Acuado, ele fugiu para a França com a esposa no dia 23 de Junho de 1937. Toda esta experiência seria retratada posteriormente em *Homage To Catalonia*¹⁹. Chegando na Inglaterra tem dificuldades na publicação deste livro, de modo que sentira com mais intensidade que nos anteriores trabalhos. A influência católica e a pressão de partes envolvidas no conflito fizeram com que a verdade sobre o ocorrido na guerra civil espanhola tomasse uma conformação de acordo com os interesses convenientes à época. Nesse momento começa a questionar-se sobre a possibilidade de existir uma verdade histórica dos fatos.

1938 é o ano em que Orwell tem novamente contato direto com os aspectos do Imperialismo. Graças a uma doação anônima de 300 libras que recebe de um admirador, viaja ao Marrocos onde trabalha em sua nova obra *Coming Up For Air*²⁰. Em 1939 a segunda guerra começara e Orwell apesar de comparecer inúmeras vezes ao serviço de alistamento, em todas era recusado devido aos problemas respiratórios oriundos de seu ferimento na Espanha. Alista se na *Home Guard* (espécie de milícia local) onde recebe a patente de sargento.

Inicia o ano de 1940 debilitado fisicamente. Apesar da condição de saúde desfavorável, começa a contribuir para o *Tribune*, um semanário de esquerda que lhe proporcionava muito mais liberdade de expressão em comparação aos rivais na época da guerra. Publica o livro *Inside on the Whale*²¹. Entre 1941 a 1942 escreve resenhas para diversos livros e compõe o quadro da rádio BBC em Londres²². Em novembro de 1943 sai da

¹⁹ “*Homenagem à Catalunia*” ou “*lutando na Espanha e recordando a guerra civil*” - (títulos no Brasil)

²⁰ *Um pouco de ar por favor* - (título no Brasil). A idéia do título proposta por Orwell se refere ao ato de subir à superfície da água para respirar depois de um mergulho (NETO, p.59).

²¹ *Dentro da Baleia e outros ensaios* - (título no Brasil). Uma reunião de ensaios de cunho biográfico, político e acerca das impressões acerca dos reflexos do capitalismo na linguagem e na literatura.

²² Ver ANEXO E

Home Guard e da BBC, o que proporciona mais tempo para trabalhar em sua obra mais popular: *Animal Farm*.

No ano de 1944 Eileen para de trabalhar e adotam um bebê, ao qual dão o nome de Richard Horácio Orwell. *Animal Farm* é recusado por diversos editores, sendo inclusive advertido pelo ministério da informação que seus escritos estavam em posição conflituosa aos “*interesses diplomáticos daquele momento*” (Orwell, 2007b, p.126), pois a URSS era até então aliada nos esforços de guerra. Em 1945 trabalha na Alemanha e França como correspondente do *The Observer*. Retorna em Março após receber a notícia de falecimento de sua esposa.

Os anos de 1947 e 1948 são marcados por um jornalismo irregular, em decorrência da tuberculose. Escreve poucos artigos e trabalha na sua obra mais polêmica e controversa: *1984*, que viria ser publicada em Junho do ano seguinte. Em 13 de outubro de 1949 casa-se pela segunda vez (com Sônia Brownell), entretanto, perde meses depois a luta contra a tuberculose pulmonar, vindo a falecer no dia 21 de janeiro de 1950.

4 UM AUTOR POUCO CONHECIDO

Quando fala-se em Orwell imediatamente associa-se a este autor duas obras: *1984* e *Revolução dos Bichos*. Nas pesquisas na Internet encontram-se milhares de artigos, ensaios e pensamentos acerca dos temas abordados nestes dois trabalhos. Este tornou-se o autor mais popular da propaganda anticomunista, adquirindo assim uma legião de “pseudo conhecedores” de sua obra. Sua crítica ao processo colonial e à hipocrisia da sociedade burguesa, entretanto, é desconhecida da grande maioria dos leitores.

A intenção deste trabalho é apresentar este escritor em sua totalidade, respeitando a incrível e vasta bibliografia criada por ele. Nada mais justo que desestigmatizar essa visão de “Capitão América” da literatura que muito se difundiu (infelizmente), graças à popularização equivocada de *Animal Farm* como “arma ideológica” a favor do Neo-Liberalismo.

Utilizando suas próprias palavras, este é um dos autores “*mais lidos – não lidos*” de todos os tempos. Esta categoria de autor é justamente aquela que vive e reside nas conversas de intelectuais, mas que no fundo é raramente consultado e estudado na sua totalidade. Apresentamos dessa forma Eric Arthur Blair (ou George Orwell).

4.1 O despertar crítico na Birmânia. Uma visão do Imperialismo Inglês

O processo colonial britânico tem início no fim do século XV, mas somente no século seguinte ele tem sua gênese firmada, com o estabelecimento da colônia da Virgínia na América do Norte consolidando este processo. Nos anos que se seguiram, a expansão britânica alcançaria países da América Central e África através de entrepostos comerciais e de captação de escravos, maturando seu domínio e influência em boa parte de destes continentes.

No século XIX as faixas territoriais sob intervenção da Coroa Britânica na Ásia e África ampliam-se exponencialmente. É neste período, mais precisamente na década de 1830, que se deu o domínio inglês na Birmânia. O interesse nesta região estava associado principalmente à posição geográfica estratégica que esta assumia como corredor para o mercado Chinês.

Duas guerras solidificaram a invasão inglesa e sua possessão que se estenderia de 1824 a 1948²³. A primeira delas aconteceu após a derrota dos birmaneses na primeira guerra anglo-birmanesa (1824-1826) que garantiu à Inglaterra o controle das províncias de Assã, Manipur, Arracão e Tenassarim. A segunda guerra ocorrida em 1852 garantiu as regiões litorâneas de Irauádi, Rangum e Pegu. Em 1885 foi conquistada a capital Mandalay ocorrendo com este episódio a unificação da “Alta Birmânia” (denominação dado aos territórios conquistados na década de 1820) com a “Baixa Birmânia” (territórios litorâneos conquistados em 1852). A Birmânia então é unificada como uma província da Índia Britânica e a família real enviada ao exílio. Surge o cenário da primeira obra de Orwell.

Não espanta o fato do primeiro romance deste autor ser fruto das experiências vividas nesta época, aliás, não somente este livro como também vários artigos. Havia uma atmosfera gerada por esta miscelânea sócio-cultural entre explorador e explorado. Esta conjuntura foi cirurgicamente captada e transmitida em *Dias na Birmânia*.

O leitor que já tenha tido contato com obras como as de Ruy Mauro Marini, Theotônio dos Santos e Vânia Bambirra, logo encontrará nas primeiras páginas deste livro uma característica peculiar e comum presente nas publicações destes autores e que de forma *gritante* não passará despercebida: a relação de simbiose política e social entre dominantes e dominados. O trecho a seguir descreve de forma satisfatória esta afirmação.

Um tercer aspecto, fundamental para comprender la dependencia, se refiere a la articulacion necesaria entre los intereses dominantes em los centros hegemônicos y los que dominan em las sociedades dependientes. La dominación <<externa>> es impraticable, por principio. La dominación solo es posible cuando halla apoyo em los sectores nacionales que obtienen beneficios de ella.

(SANTOS, 1975, p.46)

Explorando esta temática, Orwell começa seu primeiro romance. Com as lembranças de uma infância miserável e com uma ascensão social graças a oportunidades criadas dentro de um regime político com presença de ocupação estrangeira, o Juiz corrupto *U Po Kyin* será a expressão da classe parasitária que se beneficia num sistema de dependência ou de exploração econômica. Esta relação criada nos países explorados e observada por Theotônio

²³ A Birmânia tornou-se independente do Reino Unido em 4 de janeiro de 1948, com o nome oficial de União da Birmânia, designação que voltou a adotar após um período como "República Socialista da União da Birmânia". Esta Independência apresentava um simbolismo político uma vez que a ocupação territorial britânica efetiva terminou em 1942 quando este país fora ocupado até o ano de 1945 pelos Japoneses devido às manobras da segunda guerra mundial.

dos Santos e Ruy Mauro Marini (ainda que seus estudos tenham se direcionado para América Latina), não são exclusividade deste continente ou deste período e torna-se o foco inicial dos primeiros capítulos desta obra.

O desrespeito e abuso de poder por parte dos ingleses têm sua denuncia garantida neste texto. A verdadeira face do Imperialismo Inglês é mais uma vez exposta por um autor europeu. Quando frisamos que “mais uma vez” é apresentada esta faceta, nos referimos de forma direta às já fundamentadas críticas²⁴ que Marx (1853) tinha apresentado anos antes, quando o império Britânico era unânime na exploração colonial dos continentes asiático e africano. Orwell descreve de forma bastante irônica como era o comportamento de seus compatriotas em terras estrangeiras.

O senhor Macgregor é um típico cavalheiro inglês da velha guarda, como tantos outros de que nestes tempos bem aventurados temos tanto exemplo diante de nossos olhos. É um homem de família como dizem os ingleses. O senhor Macgregor é realmente um homem de família! Tanto assim que já tem três filhos no distrito de Kyauktda, onde está vivendo há um ano, sendo que, no seu ultimo posto em Shwemyo, deixou seis crianças, talvez por esquecimento, uma vez que não providenciou para estes menores coisa alguma, colocando as pobres mães, portanto, em perigo de penúria.

(ORWELL, 1986b, p.11)

Desse modo, o invasor se portava como um verdadeiro bárbaro em terras conquistadas. Abordar tal comportamento foi um dos principais motivos da considerável desaprovação e resistência que esta obra teve, além de ser ignorada por muitos editores não só da Inglaterra como de todo velho continente. Mostrar a verdade do processo colonial europeu e destruir desta forma o sonho fantasioso de aventura em terras distantes, que muitos cidadãos comuns tinham em relação à colonização, era algo nefasto – fruto de alguém no mínimo incapaz de suas capacidades mentais.

Há uma preocupação do autor em transmitir de forma fiel tudo o que foi presenciado por ele nos anos em que estivera naquele lugar. Nenhum detalhe foge à sensibilidade de sua escrita. Desde a geografia até o cheiro dos locais e dos indivíduos que ali habitavam. Nada passava despercebido. A maestria deste livro encontra-se no fato do mesmo reconstituir em detalhes como se davam as relações entre colonos e colonizadores.

A economia na Birmânia, segundo Orwell, era baseada fundamentalmente na relação de exploração de bens primários: em especial madeira e especiarias. A manutenção do seu domínio geográfico também era fator de grande importância, já que este país era um fundamental entreposto e de certo modo uma extensão territorial do domínio britânico na

²⁴ K. Marx. *A dominação Britânica na Índia. The New York Daily Tribune, 10 de junho de 1853*

Índia. A Birmânia tinha sua importância estratégica como sendo a porta dos fundos da Índia e caminho de entrada para o extremo oriente.

Neste lugar tomado pela corrupção, as relações entre brancos e “negros” são bem definidas. Os nativos não são considerados “gente”, não são iguais aos britânicos – não passam de uma raça inferior. O protagonista do romance – *Sr. Flory*, nada mais é que a externalização da reprovação que o autor tinha por esta atitude advinda de seus compatriotas. As conversas nos famosos clubes privados aos ingleses tinham sempre a mesma pauta: esta *auto-afirmação*.

Este país está apodrecendo com os motins porque somos muito frouxos com eles! A única política possível é tratar essa gente como escória, pois é o que eles são. [...] Temos de nos unir e clamar “*Somos os patrões e vocês, mendigos, devem permanecer em seu lugar*”

(ORWELL, 1986b, p.31)

Apesar da aceitação que este personagem tinha em relação aos nativos, constantemente se via em conflito por saber que pertencia a outro universo. Possivelmente esta narrativa descreve as dúvidas que Orwell sentia na época em que serviu neste país. Mesmo que por vezes tenha demonstrado certo fascínio pela Birmânia, o peso da pseudo-aristocracia de sua família era seu passageiro sombrio que nunca lhe abandonava.

Como mencionado anteriormente, e assim como nos outros países colonizados pela Inglaterra, a elite local só conseguia sua sobrevivência e manutenção graças à aceitação de sua condição de parasitária frente aos interesses do explorador. O nacionalismo desta forma não se manifestava nas classes onde teria a única chance de ter vez e voz. Quando manifestado era de forma isolada e não tinha outro destino se não o de encarar os canos quentes dos fuzis ou o frio metal das baionetas.

Se a elite se mostrava curvada ao interesses dos colonizadores, as classes mais inferiores se encontravam debaixo de suas botas. Os trabalhadores sem muita qualificação, ou sem nenhuma, eram simples mercadorias - considerados mais desprezíveis que os animais negociados nos mercados de Mandalay. Quando surgia dentre estes nativos alguém culto, instruído e que não se encaixava na subordinação natural que os britânicos esperavam, ou pior, que não se associasse ao sistema parasitário de interação entre as partes, era aparentemente ignorado, mas cuidadosamente observado por seu potencial nocivo aos interesses da Coroa.

Ao mostrar certa relação de amizade que seu personagem central neste enredo cultivava com um médico nativo, o Dr. Verawasmi, Orwell indica a crença de que seria possível uma aproximação (e conseqüentemente respeito) entre brancos e nativos. Este é um indicativo das

aspirações que tinha nos primeiros anos de serviço na guarda real. Ao se deparar com as disparidades que distanciavam o invasor do birmanês, desapareciam as esperanças e afirmavam a verdadeira finalidade da presença do homem branco naquele local.

A condução desta obra para seu encerramento é uma declaração de óbito do autor sobre suas crenças românticas acerca da empreitada inglesa em terras estrangeiras. Flory, apaixonado por uma jovem de seu país, se empenha (dentro deste cenário atípico) para convencê-la a desligar-se da mediocridade aristocrática e viver dignamente como sua esposa, adotando este lugar como lar. Quando seu passado é escancarado e revela que Flory não difere de seus compatriotas, seus esforços se mostram inúteis. Desiludido e descrente de qualquer futuro feliz, pratica o suicídio, pondo fim não só à sua vida, mas também à única proteção que seu amigo nativo tinha em relação aos furtivos ataques difamatórios, levando também à sua inevitável destruição social. O último trecho desta obra traz a ardil preleção à qual se propunha, ao descrever o casamento de sua enamorada com o homem mais bem “*apessoado*” das redondezas.

Elizabeth aceitou-o, feliz. Talvez ele fosse um tanto velho, mas um representante comissionado não era coisa de se jogar fora – na verdade, era um casamento muito mais desejável do que aquele com Flory. São muito felizes. [...] Elizabeth amadureceu com incrível rapidez e aquela certa aspereza no trato, uma antiga característica sua, tornou-se mais acentuada. Os criados vivem apavorados com ela, embora Elizabeth não fale o Birmanês. Por outro lado conhece a fundo a lista civil dos funcionários, oferece jantares elegantes para grupos restritos e sabe como colocar as esposas dos subalternos em seus devidos lugares – sendo em resumo, muito bem sucedida na função para a qual foi sempre foi designada pela natureza, isto é, uma legítima *Burra Mensahib*²⁵.

(ORWELL, 1986b, p.245)

No seu desfecho, este livro aponta um mundo onde o que prevalece não são ideais, crenças ou princípios. Nasce a crítica a um meio social onde o que importa e o que determina é o que temos e qual poder isso exercerá sobre o nosso próximo. Nasce acima de tudo um autor que explorará estas constatações.

4.2 Amadurecimento na pobreza. Uma realidade ignorada pelo capitalismo

Em seu retorno ao velho continente, Orwell amadurece sua perspectiva a respeito do que rege as relações entre os homens. A época vivida na Birmania já tinha apontado a força

²⁵ Do árabe – Mulher Européia

motriz que coordena estas interações. Ao regressar para Europa, desempregado e decidido a tornar-se jornalista, fica por um período muito breve na Inglaterra observando o cotidiano dos trabalhadores, porém sem uma interferência direta. Decide então buscar novos ares e desafios. Encararia agora o cotidiano dos guetos e vielas e tentaria compreender como era a realidade das classes mais pobres. O destino escolhido para tal experimento seria a capital francesa.

No início do século XX a França era tida um grande centro cultural, a maior referência em tudo que se relacionava à arte. Berço de inúmeros ícones da arte plástica e literária, este fator foi um dos condicionantes nesta escolha. Com o intuito de ser influenciado por esta atmosfera o jovem Blair instala-se em 1928 num quarteirão latino na capital francesa. Sua nova experiência seria uma forma de expiação dos anos servidos no Império Britânico. Nesta nova empreitada iria aproximar-se do cotidiano real do trabalhador comum europeu. Sua inserção neste universo é um abalo para status social ao qual estava acostumado.

É muitíssimo curioso o primeiro contato com a pobreza. Você pensou tanto sobre ela – é uma coisa que você temeu a vida inteira, uma coisa que sabia que ia acontecer com você mais cedo ou mais tarde, e ainda assim é tudo tão completa e prosaicamente diferente. Você acha que iria ser simples; é extraordinariamente complicado. Você acha que ia ser terrível; é apenas chato e imundo. A primeira coisa que você descobre é a baixeza peculiar da pobreza, as mudanças que ela impõe a complicada mesquinhez, o desnudamento de si mesmo.

Você descobre, por exemplo, o ocultamento associado à pobreza. De repente você tem seis francos por dia e tem de continuar fingindo que nada mudou em sua vida.

(ORWELL, 2006b, p. 24)

Seu novo padrão de vida trouxe consigo a certeza, a qual Marx em 1867 já discutia, de que o homem só insere-se na sociedade frente à negociação do fruto de seu trabalho como fator de troca. Mas que trabalho? A realidade das ruas de Paris naquele período era desfavorável. Muita mão-de-obra e poucos empregos à disposição. A “*Paris dos sonhos*” realmente não passava de uma mera ilusão. E sem uma forma de obtenção de renda, logo bateria à porta de seu espírito a visita da fome - o parente mais próximo dos pobres.

Meu dinheiro evaporou – para oito francos, quatro francos, um franco, 25 centimos; e 25 centimos são inúteis, pois não compram nada mais que um jornal. Passamos vários dias a pão seco e depois fiquei dois dias e meio sem comer coisa alguma. Foi uma experiência feia. Existem pessoas que, em busca de curas fazem um jejum de três semanas ou mais e dizem que jejuar é bem agradável depois do quarto dia; não posso confirmar, pois nunca fui além do terceiro. É provável que seja diferente quando o jejum é voluntário e não se está subnutrido desde o início.

(ORWELL, 2006b, p. 47)

Com a ajuda de um amigo que conhecera nos albergues, consegue um emprego num restaurante como lavador de pratos. Neste novo desafio encararia a “máquina de moer ossos” que era a jornada de trabalho do cidadão simples. A narrativa desta experiência não abre mão de palavrões e nem mesmo das situações constrangedoras pelas quais passou – incluindo aí comer comida roubada para não morrer de fome. A realidade de *plongeur*²⁶, que podia trabalhar até 15 horas por dia e ganhava apenas 500 francos por mês não era das mais agradáveis. A função era tão baixa que todos se viam na obrigação de ofendê-los com palavrões.

“Está vendo isto? É do tipo de plongeur que nos mandam hoje em dia. De onde você vem idiota? De Charenton, suponho?” (há um grande hospício em Charenton).

“Da Inglaterra”, respondi.

“Eu devia ter desconfiado. Bem, *mon cher monseir l’Anglais*, posso informá-lo que você é um filha da puta? E agora, *fous-moi le camp* para o outro balcão onde é seu lugar.

[...] Nós éramos a escória do hotel, desprezados e tuteados por todos”.

(ORWELL, 2006b, p. 69;71)

Era um relato tão cru, que a família Blair se sentiu aliviada quando ele resolveu publicar o livro sob o pseudônimo de George Orwell. Todavia, este universo de subemprego era cercado de raras “compensações”. Os *plongeurs* podiam vender pães despedaçados aos padeiros e restos de comida aos criadores de porcos, sendo que todos os funcionários roubavam comida. O ritmo do trabalho provocava um desapego total pela higiene. Costumava ser alvo de chacotas de seus colegas pelo fato lavar-se antes de pegar na comida. Logo constataria que não havia tempo para tais luxos.

Percebera então que os restaurantes franceses eram sinônimos de sujeira. Quanto mais caro o prato, dizia ele, mais imundo será seu preparo. Os pisos das cozinhas eram cobertos de serragem para evitar que o mesmo ficasse molhado com restos e sangue de animais. Certa vez o escritor sugeriu a um garçom que matassem as baratas que se acumulavam na caixa de pães. “Por que matar as coitadinhas?”, indagou o garçom em tom reprovador. Agora sua visão acerca do consumo padrão das classes mais privilegiadas tomava forma diferente e bem mais “agradável” diante desta realidade.

²⁶ É o nome em francês dos lavadores de panelas de um restaurante. Se traduzirmos esta palavra, veremos que *plongeur* é “mergulhador” e *plonge* é “mergulha”. Os lavadores recebiam esta denominação, pois literalmente mergulhavam, assim como ainda é nos dias de hoje em muitos restaurantes, num cubículo onde é executada a lavagem das panelas industriais.

Não é figura de linguagem, é apenas mera constatação dizer quer que um cozinheiro francês cuspirá na sopa – isto é se ele não irá tomá-la. Ele é um artista, mas não da arte da limpeza. [...] A sujeira é inerente a hotéis e restaurantes porque é sacrificada em nome da pontualidade e da apresentação [...] Quanto mais se paga pela comida, mais suor e cuspe é obrigado a engolir. [...] Apesar disso o hotel X estava entre os dez mais caros de Paris, e os hóspedes pagavam preços absurdos.

(ORWELL, 2006b, p. 95-98)

Conforme ia arrancando suas raízes aristocráticas, sua aproximação com a mazela tornava-o mais humano. Compreendia gradualmente que o homem demonstra sua verdadeira face ao enfrentar as situações extremas de privação. Logo entenderia que o modo de vida das classes média e alta criava uma sociedade mediocrizada, escrava de uma aparência baseada em fútil modo de consumo. Agora sua existência tinha chegado ao limite, onde a sobrevivência era o único motivador para continuar prosseguindo.

O regresso à Inglaterra acentuou ainda mais sua debilidade financeira. Atraído pela promessa de emprego, Blair voltou para Londres no final de 1929, todavia, este emprego não se materializou. De albergue em albergue sua situação passara de trabalhador miserável nas ruas de Paris a mendigo nas ruas de Londres. Perdera neste período boa parte de seus escritos produzidos na França. Não foi uma das mais empolgantes experiências vividas. A fome e o desespero seriam seus inseparáveis companheiros. Seu passado de conforto e vida mediana pareciam agora soterrados pela marginalidade que sua nova situação trazia em seu bojo.

Vale a pena dizer alguma coisa sobre a posição social que os mendigos ocupam, pois quando se convive com eles e descobre que são seres humanos comuns, não se pode deixar de ficar admirado com a curiosa atitude da sociedade com relação a eles. As pessoas acham que existe uma diferença social entre mendigos e “trabalhadores” comuns. Acham que eles constituem uma raça à parte: a dos vagabundos, como os criminosos e as prostitutas. Os trabalhadores trabalham, os mendigos são parasitas por natureza. Dá-se por certo que um mendigo não ganha a vida do modo como um pedreiro ou um crítico literário ganham as suas. Ele não passa de excrescência social, só tolerada porque vivemos numa época humana, mas ele é essencialmente desprezível.

(ORWELL, 2006b, p.200)

Na pior em Paris e Londres é a mais prazerosa obra que ele já escreveu. O motivo está relacionado com o fato de que neste período Blair descobrira-se realmente. Foi neste convívio com os mais execráveis da sociedade, onde o objetivo da vida se resume em permanecer de pé por mais vinte e quatro horas, que amadureceu seu senso crítico e a compreensão da sociedade moderna. Abandonar a zona de conforto e confrontar a realidade dos mais

desfavorecidos, mergulhando de forma intensa em seu universo, traz consigo uma mudança radical na mente, destruindo de forma voraz muitos dos pré-conceitos que se herdaram ao pertencer a determinada classe social. Como pensamento final de sua experiência ele considera:

Nunca mais vou pensar que todos os vagabundos são patifes bêbados, nem esperar que um mendigo se mostre agradecido quando eu lhe der uma esmola, nem ficar surpreso se homens desempregados carecem de energia, nem contribuir para o Exército da Salvação, nem empenhar minhas roupas, nem recusar um folheto de propaganda, nem me deleitar com uma refeição em um restaurante chique. Já é um começo.

(ORWELL, 2006b, p.245)

4.3 A sociedade de Mamon. Uma análise da classe burguesa na Inglaterra

Não ao acaso o título deste sub-tópico foi escolhido. A intenção de causar a instigação deriva de nossa leitura acerca da abordagem que Orwell dá à sociedade inglesa nas décadas de vinte e trinta do século passado.

A palavra Mamon é encontrada originalmente na Bíblia e usada para descrever a cobiça, sendo abordada em errôneas traduções como significando um anti-deus. A transliteração da palavra hebraica (מָוֶן), segundo a *Torá*²⁷ significa exatamente dinheiro. Mamon, contudo, não era o nome de uma divindade em nenhuma cultura antiga e sim um termo de origem hebraica que significa riqueza ou bens materiais. As referências que as escrituras trazem acerca desta “falsa divindade” sempre a relacionam ao fato de que o “povo de Deus” deveria escolher entre servi-lo ou servir a Mamon, ou seja, abandonar estes anseios de cobiça.

Esta referência é bastante sugestiva. O fato de termos utilizado-a se fundamenta justamente por relacionar-se com uma das temáticas a serem abordadas na obra de Orwell. Ora, não é de nenhum segredo que as sociedades ocidentais têm como uma de suas bases institucionais a religião cristã. O Cristianismo por essência (e aqui não queremos discutir religião, mas somente apresentar sua estrutura) tem como princípio fundamental o amor ao próximo. Neste sentido a sociedade européia não deveria se fundamentar neste princípio ou no mínimo observá-lo um pouco mais de perto? O prefácio do livro *A flor da Inglaterra*, que por muitos foi mal interpretado e gerou grande polêmica, traz consigo uma devastadora crítica

²⁷ Livro Sagrado dos Judeus equivale aos cinco primeiros livros da bíblia conhecidos como Pentateuco

a esta sociedade utilizando-se de um dos mais famosos textos da Bíblia com uma “notável” modificação.

Ainda que eu falasse as línguas dos homens e dos anjos, e não tivesse **dinheiro**, seria como o metal que soa ou como o sino que tine. E ainda que tivesse o dom de profecia, e conhecesse todos os mistérios e toda a ciência, e ainda que tivesse toda a fé, de maneira tal que transportasse os montes, e não tivesse **dinheiro**, nada seria. E ainda que distribuísse todos os meus bens para sustento dos pobres, e ainda que entregasse o meu corpo para ser queimado, e não tivesse **dinheiro**, nada disso me aproveitaria.

O **dinheiro** é sofredor, é benigno; o **dinheiro** não é invejoso; o **dinheiro** não trata com levandade, não se ensoberbece. Não se porta com indecência, não busca os seus interesses, não se irrita, não suspeita mal; Não folga com a injustiça, mas folga com a verdade; Tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta....

Agora, pois, permanecem a fé, a esperança e o **dinheiro**, estes três, mas o maior destes é o dinheiro.

I coríntios 13 adaptado (Orwell, 2007a, p.3)

Este texto é um dos mais conhecidos dos textos Cristãos. Em sua versão original a palavra dinheiro (por nós grifada) não existe. Em seu lugar o apóstolo Paulo utiliza a palavra amor. A intenção deste texto é simplificar em poucas palavras qual é o fundamento primordial do cristianismo enquanto princípio espiritual: o amor.

Mas por quais motivos Orwell utiliza este texto para apresentar sua obra? Qual a finalidade em subverter, segundo alguns, um dos textos mais belos da Bíblia? Seria este um ataque direto ao Cristianismo? A intenção não era atacar a fé em si. O propósito conforme se mostra no decorrer da leitura é: com uma crítica ácida, característica marcante deste autor, mostrar o fundamental e principal pilar da sociedade moderna baseada no modo de produção capitalista - o dinheiro.

O que vem a ser o dinheiro e qual seu papel na sociedade moderna é algo necessário a ser estabelecido. As relações entre os indivíduos em coletividade realizam-se através de trocas, todavia em determinado momento estas trocas necessitaram de um produto comum, ou seja, uma mercadoria que facilitasse os meios de intercambio. *“Foi desta maneira que em todas as nações civilizadas o dinheiro se tornou o meio universal de comércio, através do qual são compradas, vendidas ou trocadas entre si todo tipo de mercadorias”* (SMITH, 1996, p.85)

A sociedade capitalista moderna nada mais é que uma sociedade baseada no consumo. Sendo baseada neste *padrão-consumo*, os sujeitos deixam de ser indivíduos para se tornarem consumidores. Os membros que não assumem esta identidade imediatamente são expurgados por ela, pois não tem nenhuma relação com este meio. Para pertencer a esta sociedade devo

consumir, e para realizar este consumo devo ter os meios necessários para fazê-lo. Este meio necessário em sua forma mais evoluída é o dinheiro. Ele é “*a medida de valores por ser a encarnação social do trabalho humano*” (MARX, 1996a, p. 222).

Assim, tendo a base concreta e científica para uma observação empírica de Orwell, o fator mais importante para o homem moderno não é o amor, fé, esperança ou quaisquer outras abstrações que ele possa apresentar. Em nossa realidade concreta o que vale é o dinheiro, e o que valemos relaciona-se diretamente à quantidade que possuímos dele. O motivo desta “representatividade social” está justamente relacionado ao modo com o qual organizamos nosso estilo de vida e reprodução da mesma. Neste sistema a mercadoria adquire um valor que vai muito além do seu uso imediato. Segundo Marx:

À primeira vista, a mercadoria parece uma coisa trivial, evidente. Analisando-a, vê-se que ela é uma coisa muito complicada, cheia de sutileza metafísica e manhas teológicas. Como valor de uso, não há nada misterioso nela, quer eu a observe sob o ponto de vista de que satisfaz necessidades humanas pelas suas propriedades, ou que ela somente recebe essas propriedades como produto do trabalho humano. É evidente que o homem por meio de sua atividade modificar as formas das matérias naturais de um modo que lhe é útil. [...] De onde provém, então, o caráter enigmático do produto do trabalho, tão logo ele assume a forma mercadoria? Evidentemente, dessa forma mesmo. [...] O misterioso da forma mercadoria consiste, portanto, simplesmente no fato de que ela reflete aos homens as características sociais do seu próprio trabalho como características objetivas dos próprios produtos de trabalho, como propriedades naturais sociais dessas coisas e, por isso, também reflete a relação social dos produtores com o trabalho total como uma relação social existente fora deles, entre objetos. Por meio desse quiproquô os produtos do trabalho se tornam mercadorias, coisas físicas metafísicas ou sociais.

(MARX, 1996a, p. 197-199)

As mercadorias tornam-se “coisas sociais”. Isto significa que estas coisas (e principalmente a quantidade que se detêm delas) dirão qual é lugar do indivíduo nesta sociedade.

Mesmo não tendo um conhecimento aprofundado em economia política, baseando-se no empirismo e no método investigativo da realidade concreta, Orwell chega nesta mesma percepção. Analisando a sociedade inglesa (em especial sua burguesia), nota que algumas mercadorias, ou “coisas”, apropriam-se da representatividade social do indivíduo.

O enredo de *A flor da Inglaterra* apresenta Gordon Comstock, aspirante a escritor de 30 anos. Vindo de uma família de classe média baixa que perdera tudo, é a esperança dos familiares para alcançar o status de pequena burguesia. A contrariedade brota no fato deste personagem nutrir uma fixação pautada na tentativa de tornar-se um poeta de sucesso abrindo

mão de muitos cargos que lhe trariam o dinheiro tão necessário, tido pelo mesmo como o antagonista do sucesso em sua vida. Considera este “vil metal” chegando a encará-lo, não erroneamente, como sendo o principal manipulador desta sociedade, como o “Senhor” dos homens. Para ele a vida é cercada de futilidade e violência. Este é o caráter mortífero da vida moderna. *“Esta é a vida que levamos hoje em dia. Olhe só, todas essas malditas casas, e as pessoas perdidas dentro delas! Às vezes acho que somos todos cadáveres apodrecendo na vertical”* (ORWELL, 2007a, p 109).

A obra aponta também que, ao contrário do que diz a propaganda neoliberal, a liberdade não é a maior peculiaridade que o dinheiro traz, mas a sim a escravidão o principal aspecto que ele nos impõe enquanto seres sociais. *“O dinheiro vai embora, e junto com ele a sua liberdade. Circundai vossos prepúcios diz o Senhor. E voltamos a nos submeter, devidamente chorosos”* (ORWELL, 2007a, p.187). O consumidor é um mero ser em inanição à mercê da valsa da oferta diversificada de mercadorias, Segundo Orwell ele não passa de uma marionete desse sistema de “interação social”.

A propaganda é a fraude mais sórdida que o capitalismo já havia produzido. [...] Os consumidores são como porcos confinados; a publicidade é como agitar uma vara dentro do balde da lavagem. Ainda assim, por baixo de todo esse cinismo, persistia a ingenuidade final, a adoração cega pelo deus-dinheiro.

(ORWELL, 2007a, p.69)

A obra aponta uma sociedade absorta em um completo estado de imbecilidade. Em todas as propriedades da classe média baixa é encontrada a *aspidistra*²⁸, planta doméstica que ele elege símbolo dessa ordem injusta, vazia e massacrante. Ela é a identificação do espírito medíocre da classe burguesa. Não ao acaso é o título da publicação, pois o desígnio deste livro é chamar atenção justamente por aquilo que caracteriza esta coletividade: a necessidade de se sentir inserido e acima dos demais, de ser diferenciado ou de sentir parte de um meio social. Todavia, deixa bem claro que não é uma simples planta que terá este poder. Ela traz ao seu portador a inequívoca impressão de inserção social, pois esta é de fato a única coisa que importa ao cidadão moderno. *“O importante não é a coisa em si, mas o espírito da coisa. A maneira como eles automaticamente tratam você com desprezo só porque você não tem dinheiro”* (ORWELL, 2007a, p.69)

²⁸ A aspidistra é uma planta herbácea. Seu porte é baixo, alcançando de 40 a 60 centímetros de altura. O florescimento ocorre no verão e é raro em plantas envasadas. Por este motivo considerava-se que as casas onde florescessem abrigavam pessoas em condições financeiras superiores pelo fato desta flor necessitar de cuidado e investimento consideráveis.

Com certeza sem dinheiro é impossível relacionar-se neste mundo “evoluído”. Ainda que hipócritas ou ingênuos digam que ele não é tudo, e que as relações não se resumem ao poder do capital, sem ele é impraticável mantê-las. Gordon sentia na pele a falta desse metal por ele desprezado inúmeras vezes. Até mesmo aqueles que dizem que em um relacionamento a dois o mais importante não é o dinheiro, se esquecem de quanto ele é fundamental para sua manutenção.

Sem dinheiro ninguém pode lidar com as mulheres de maneira direta. Porque sem dinheiro não há como escolher, você tem de ficar com as mulheres mais feias; e depois necessariamente, precisa se livrar delas.

(ORWELL, 2007a, p.133)

Novamente o dinheiro! Mesmo nos momentos mais recônditos da vida a pessoa não consegue fugir dele; Tudo o que precisa ser arruinado com preocupações imundas tomadas a sangue frio, e só por dinheiro. Dinheiro, dinheiro, dinheiro, sempre o dinheiro! Mesmo no leito nupcial, o dedo do deus dinheiro se intromete! Nas alturas ou nas profundezas, ele sempre dava um jeito de aparecer. [...] Até num momento como este ele tem o poder de se erguer sobre nós e nos intimidar.

(ORWELL, 2007a, p.178)

Outro ponto abordado é a transformação comportamental que este traz às classes menos abastadas. Ora, não é um fato somente restrito àquela época que há uma conduta desesperada em vias de consumo das classes mais pobres ao ver-se diante de uma quantidade relativamente significativa de dinheiro.

Os ricos têm maneiras elegantes, mesmo no vício. Se a pessoa não tem dinheiro, porém, não sabe nem mesmo gastar quando ganha algum. Só sai esbanjando freneticamente, como um marinheiro que se vê num bordel na primeira noite em terra.

(ORWELL, 2007a, p.187)

O encaminhamento da obra chega ao seu clímax quando Orwell conclui que neste mundo, caracterizado nas exposições anteriores, uma rara parcela desta sociedade compreende este fetiche que há em relação ao capital e o poder exercido pelo mesmo nas relações entre os atores, e que pouco se importam com a necessidade de transformações relacionadas ao modo de organização e reprodução da vida.

Toda esta história de socialismo, capitalismo, o estado das coisas no mundo moderno e sabe Deus o que mais. Eu estou **cagando** para o estado das coisas no mundo moderno. Se todo mundo na Inglaterra estivesse passando fome, menos as pessoas de quem eu gosto eu nem me incomodaria.

“Não está exagerando um pouco?”

“Não”. Toda essa conversa não passa de uma objetivação dos nossos sentimentos. É tudo ditado pela quantia que você carrega nos bolsos. Eu ando de um lado para outro de Londres dizendo que ela é uma cidade de mortos, que a nossa civilização está morta, que eu queria uma guerra começasse logo e sabe Deus o que mais, mas na verdade eu estou reclamando porque ganho duas libras por semana e queria ganhar cinco.

[...] Afinal é o que Marx disse. Toda Ideologia é reflexo de circunstâncias econômicas.

(ORWELL, 2007a, p.115-116)

Esta declaração era a principal representação da estagnação da consciência sócio-política em que se encontrava a classe média inglesa. Orwell descobrira que determinado sistema pode ser exploratório, destruidor e alienador. Todavia, se não afeta de forma direta os vícios do indivíduo, não é um sistema nocivo. Se esta conformação econômico-social não causa modificações negativas à zona de conforto no qual está estacionada determinada classe da sociedade ou se, pelo contrário propicia meios à manutenção da mesma, então não terá motivos para ser “alterada”.

A acomodação então é o principal mantenedor deste conjunto organizacional. Orwell deixa aqui a afirmativa que mesmo sendo presa à relação que tem com o poder do capital, a classe média aceita esta condição imposta pelo capitalismo como o laço que coordena suas vidas. É neste sentido que ao ler este trabalho se fazem valer as palavras de Fernando Solanas²⁹: *ningún orden social se suicida!*

²⁹ Produtor e diretor de cinema argentino.

Frase retirada do documentário *La Hora de los hornos: Notas y testimonios sobre el neocolonialismo, la violencia y la liberación*, (1968) que aborda o processo Neo-colonial na América latina em especial na Argentina.

5 O MUNDO ANIMAL DE ORWELL

Esta etapa será dedicada ao estudo das obras de maior notoriedade na vida de Orwell: *1984* e *Revolução dos Bichos*. Incontestavelmente, estes dois livros influenciaram de forma decisiva o posicionamento político de muitas pessoas nos anos que se seguiram à guerra fria, em especial o segundo que, transformado em animação, serviu de potencial arma propagandista das nações capitalistas.

Entretanto, conforme mensurado anteriormente, são livros lidos geralmente de forma isolada à obra como um todo, fazendo com que se crie uma falsa impressão da opção política deste autor. Um óbvio questionamento “deveria” surgir ao ler *Revolução dos Bichos*: Qual o motivo do escritor em escrevê-la e qual sua origem? Para responder tal pergunta o leitor verá que é preciso retroceder, dedicando análise a uma obra específica anterior a estes dois escritos.

Ao investigarmos a gênese do descontentamento de Orwell com a URSS, inevitavelmente expurgaremos a imagem de anti-esquerdista que muitos ainda têm deste autor. É necessário para chegar a estas conclusões regressar à década de 1930, mais precisamente ao ano de 1936 quando eclode a guerra civil espanhola. Este conflito bélico foi o mais importante acontecimento do período que antecedeu a Segunda Guerra mundial, tido por muitos historiadores como o laboratório dos embates que estariam por vir.

5.1 A Guerra Civil Espanhola e seu impacto na obra de Orwell.

Após um período de mudanças políticas ocorridas no fim do século XIX, como o enfraquecimento do regime monárquico, a Espanha se vê diante de um estágio de forte crescimento econômico (THOMAS, 1967). Como resultado deste, solidifica-se o poder da nova oligarquia industrial. Surgem nesta época movimentos de base operária com significativa organização. A agricultura, sobretudo na Andaluzia, continuou nas mãos de latifundiários que deixavam grandes extensões de terra sem cultivo. Somava-se este quadro a forte presença da Igreja Católica que se opunha às reformas sociais e se alinhava aos interesses da elite agrária.

Nas eleições de 1936 constitui-se um governo com a maioria de Esquerda. A Direita então prepara-se para lançar um golpe militar sob o comando do General Franco que se concretiza em 18 de Julho. Este levante das classes dominantes frente à democracia que

colocava representativamente o povo no poder poderia ser mais uma vitória do fascismo europeu sem nenhuma represália significativa.

Para compreender o alinhamento no lado do Governo é preciso recordar como a guerra começou. Ao irromper a luta em 18 de julho, é provável que todos os antifascistas na Europa tenham sido tocados pela esperança, pois ali, finalmente, e pelo que parecia, a democracia punha-se de pé contra o fascismo. Por anos a fio os chamados países democráticos tinham-se curvado ao fascismo, a cada passo. Aos japoneses dera-se mão livre na Manchúria. Hitler tomara o poder e passara a massacrar os adversários políticos de todos os tipos. Mussolini bombardeara os abissínios enquanto cinquenta e três nações (acho que foram cinquenta e três) emitiam sons piedosos - e ficavam de fora. Mas quando Franco tentou derrubar um Governo levemente esquerdista. O povo espanhol, contra todas as expectativas, levantara-se contra isso. Parecia - e talvez fosse - a virada da maré.

(Orwell, 1986c, p. 53)

Nos primeiros momentos do golpe direitista a classe trabalhadora teve papel fundamental na resistência. As terras foram tomadas por hordas de trabalhadores que também assumiram muitas fábricas, além de boa parte dos meios de transporte. As igrejas foram tomadas e muitos sacerdotes foram expulsos ou mortos durante os confrontos. Greves gerais foram decretadas e graças a negociações realizadas, muitas armas foram angariadas do arsenal público. Devido a este primeiro momento de resistência das classes operária e camponesa, a ação do movimento direitista não obteve êxito imediato.

Durante o conflito, as forças do nacionalismo e fascismo, aliadas às classes aristocráticas e instituições tradicionais da Espanha (Exército, Igreja e Latifúndio), constituíram o “*Movimento Nacional*”. Na outra vertente organizava-se a “*Frente Popular*” que formava o *Governo Republicano* representando os sindicatos, as organizações de esquerda e os partidários ao processo democrático. O Vaticano mostrou-se integralmente favorável ao governo de Franco. Portugal, apesar da capa da neutralidade deu fundamental apoio às forças nacionalistas.

As tropas do Movimento Nacional receberam ajuda externa da Alemanha nazista e do governo fascista italiano através de bombardeios que saíam destes países. Empréstimos de submarinos, armamentos e complementos militares também faziam parte do pacote de “ajuda” destes países. A Frente Popular era apoiada fundamentalmente pela URSS (BEIGUELMAN-MESSINA, 1994). Este conflito serviu como laboratório para muitas novidades bélicas, dentre elas, experimentos químicos oriundos dos laboratórios alemães. Este foi um conflito de desiguais, porém combatido até último minuto.

Diante desta realidade, Orwell toma a decisão de cobri-lo. Chega na Espanha filiando-se ao POUM - partido de vertente Trotskista. *“Tornei-me um pró-socialista mais por desgosto com a maneira como setores mais pobres dos trabalhadores eram oprimidos e negligenciados do que devido a qualquer admiração teórica por uma sociedade planificada”* (ORWELL, 2007b, p.142). Em um quadro geral, os partidos de esquerda na Espanha naquele período eram:

Quadro 1 – Composição da Esquerda Espanhola no ano de 1936

PSOE (Partido Socialista Obreiro Espanhol)	Socialistas
PSUC (Partido Socialista Unificado da Calalunia)	Socialistas
PCE (Partido Comunista Espanhol)	Comunistas
POUM (Partido Obreiro da Unificação Marxista)	Comunista-trotskista
CNT (Central Nacional dos Trabalhadores)	Sindical Socialista
UGT (União Geral dos Trabalhadores)	Sindical Socialista
CGT (Confederação Geral dos Trabalhadores)	Sindical Anarquista
FAI (Federação Anarquista Ibérica)	Anarco-Sindicalista

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados biográficos de Orwell

Num primeiro momento esta confusão de siglas e de partidos foi um choque para muito dos milicianos estrangeiros que ali encontravam-se na condição de voluntariado. Esta pluralidade não era somente nos nomes. A esquerda espanhola ramificava-se em inúmeras correntes de pensamento e o ambiente, apesar da união contra o regime fascista, não era outro se não o de animosidade.

[...] não compreendi que existiam sérias divergências entre os partidos políticos. Em Monte Pocero, quando indicaram a posição à nossa esquerda e disseram que "ali estão os socialistas" (o que significava o P.S.U.C.), eu fiquei intrigado e perguntei: "Mas não somos todos socialistas?" Achei bastante idiota o fato de que gente lutando pela vida devesse ter partidos separados, e minha atitude sempre foi a de que "devíamos largar de mão aquela besteira política toda e tocar a guerra para frente". Está claro que se tratava da atitude antifascista correta [...]

(Orwell, 1986c, p.52-53)

Estas divergências enfraqueceriam a frente popular de forma decisiva no confronto. Ora, enquanto os nacionalistas obtinham ajuda maciça da Alemanha de Hitler e da Itália fascista de Mussolini, os populistas recebiam auxílio bélico somente da URSS, já que o

México paulatinamente demonstrava-se sem condições de manter suas remessas. Deste modo a URSS exercia forte influência política dentro da estrutura da resistência catalã.

A virada geral para a direita data de outubro-novembro de 1936, quando a U.R.S.S. começou a enviar armas para o Governo e o poder começou a passar dos anarquistas para os comunistas. Com exceção de Rússia e México, nenhum outro país tivera a decência de vir acudir o Governo, e o México, por motivos óbvios, não podia enviar armas em quantidade maior. Por conseqüência, os russos encontravam-se em posição de ditar condições. Resta pouquíssima dúvida de que as mesmas diziam, em sua substância real: "Impeçam a revolução, ou não receberão armas", e que o primeiro passo contra os elementos revolucionários, a expulsão do P.O.U.M. do Generalato catalão, foi dado sob ordens emanadas da U.R.S.S.

(Orwell, 1986c, p.64)

A guerra então se tornou em essência, conforme Orwell descreve, em uma luta triangular. Com o forte apoio da URSS, o partido comunista catalão conseguiu o aumento de seu prestígio frente às outras organizações políticas. O governo e o poder que antes estavam nas mãos dos anarquistas passavam gradativamente aos comunistas. Foi neste momento que a situação começou a se tornar favorável aos nacionalistas.

A desestabilização da Frente Popular teve duas conseqüências no andamento da guerra. A primeira delas foi o crescimento exponencial do poder e influência dos comunistas conforme mencionado. O número de membros crescera bastante neste período, sendo grande maioria oriunda da classe média (lojistas, funcionários, oficiais do exército, camponeses abastados e pequenos negociantes). Outro efeito gerado foi o fortalecimento bélico dos comunistas em detrimento do enfraquecimento das outras vertentes, em especial os anarquistas e os trotskistas. Como era o partido comunista que cuidava dos carregamentos provindos da URSS, sendo também o responsável pela sua distribuição, cogita-se que recebia ordens de repassar uma quantidade mínima aos seus inimigos ideológicos.

Este fato fez com que muitos partidos lutassem de forma isolada. A debilitação bélica fez com que muitas áreas protegidas por estes dois grupos (leia-se anarquistas e trotskistas) fossem conquistadas pelas forças da direita. Como medida de segurança e de sobrevivência política, os anarquistas começaram a estocar armas para uma eminente investida dos comunistas. Os comunistas por seu lado tomavam a mesma atitude. Estes conflitos internos drenavam a chama da resistência.

Todos sabiam que tanto os anarquistas quanto o P .S. U. C. estavam formando estoques de armas, e quando a luta irrompeu em Barcelona isso se fez mais claro ainda, com ambos os lados saindo-se com abundância de armas. Os anarquistas tinham plena ciência de que, mesmo entregando suas armas, o P. S. U. C., que politicamente era o poder maior na Catalunha, continuaria com as dele, e foi realmente o que ocorreu depois de terminada a contenda. Enquanto isso, e perfeitamente visível nas ruas, havia quantidades

de armas que seriam muito bem recebidas na linha de frente, mas que eram retidas para as forças policiais "apolíticas" na retaguarda. E por baixo de tudo isso existia a divergência irreparável entre comunistas e anarquistas, que mais cedo ou mais tarde deveria eclodir em algum tipo de luta. Desde o início da guerra o Partido Comunista Espanhol crescera enormemente em quadros e capturara a maior parte do poder político, chegando à Espanha milhares de comunistas estrangeiros, muitos dos quais exprimiam abertamente a intenção de "liquidar" o anarquismo assim que ganha a guerra contra Franco.

(Orwell, 1986c, p.167)

A eclosão do conflito se deu e até hoje varias versões e acusações justificam ambos os lados (Comunistas e Anarquistas). Um dos vários motivos de desentendimento relacionava-se à disputa pelo controle do centro de comando das telecomunicações que estava sob a coordenação da C.N.T. Em resumo, os comunistas queriam seu controle e os anarquistas discordaram. O confronto de fato ocorreu e a imprensa comunista internacional lançou a culpa sobre o P.O.U.M, alegando que este faria parte da trama fascista de Franco, chegando a denominá-lo de “*A quinta Coluna de Franco*” - uma organização trotskista trabalhando em acordo com os fascistas. Deste modo...

[...] em meados de 1937, quando os comunistas obtiveram o controle (ou o controle parcial) do governo espanhol, começaram a perseguir os trotskistas. Eu e minha mulher nos vimos em meio às suas vítimas. Tivemos muita sorte de conseguir deixar a Espanha com vida, e de não termos sido presos uma vez sequer. Muitos dos nossos amigos foram fuzilados, outros passaram longo tempo na cadeia ou simplesmente desapareceram.

Essas caçadas humanas ocorriam na Espanha ao mesmo tempo que os grandes expurgos na URSS, e eram uma espécie de complemento a eles. Tanto na Espanha quanto na Rússia, a natureza das acusações (a saber, conspiração com os fascistas) era a mesma, e no que diz, respeito à Espanha, tenho todos os motivos para julgar que fossem falsas.

(ORWELL, 2007b, p.143)

Assim, o princípio da ojeriza de Orwell em relação aos comunistas soviéticos tem sua gênese firmada na sua intervenção na estrutura organizacional dos partidos que compunham a Frente Popular. Esta participação segundo ele fora um dos principais, se não o fundamental, responsável pela derrota frente aos nacionalistas. O fato de terem dado mais prioridade em eliminar seus rivais ideológicos do que concentrar seus esforços em apoiar as esquerdas de forma geral contra o inimigo comum foi a principal falha da URSS, destruindo o sonho de um país democraticamente governado pela escolha do proletário e do camponês. Franco ficaria no poder de 1939 até 1975, ano de sua morte. Este seria o maior período de uma ditadura na Europa ocidental.

5.2 A crítica à exploração do trabalhador.

Tudo começa com o sonho de um animal, o porco mais velho e mais sábio dentre todos os outros bichos da granja. Todos se reúnem ao seu redor para ouvir suas palavras. É uma noite especial. Fora do celeiro, a poucos metros dali, encontra-se a casa de seu opressor: o homem. É neste tom de fantasia, mas que logo se mostra como uma brilhante analogia, que se iniciam as primeiras linhas daquela que será a mais popular obra deste escritor: *A Revolução dos Bichos*.

O velho Major, um porco premiado, é o centro das atenções. Todos estão ali, pois está prestes a compartilhar o sonho que teve na noite anterior. Envoltos em um tom apaixonado e instigador, o velho porco relembra a trajetória de todos os animais ali presentes, assim como seus ancestrais. Uma vida inteira de trabalho e de exploração sem fim. A vida dos animais se resumia em pura servidão.

O homem é o nosso verdadeiro e único inimigo. Retire-se da cena o Homem, e a causa principal da fome e da sobrecarga de trabalho desaparecerá para sempre. O Homem é a única criatura que consome sem produzir.

[...] Esta é a mensagem eu vos trago, camaradas: Revolução! Não sei quando sairá esta Revolução, pode ser daqui a uma semana, ou daqui a um século, mas uma coisa eu sei, tão certo quanto o ter eu palha sob meus pés: mais cedo ou mais tarde, justiça será feita. Fixai camaradas isso, para o resto de vossas curtas vidas! E, sobretudo, transmiti esta minha mensagem aos que virão depois de vós, para que as futuras gerações prossigam na luta, até a vitória.

E lembrai-vos, camaradas, jamais deixai fraquejar vossa decisão. Nenhum argumento poderá deter-vos. Fechai os ouvidos quando vos disserem que o Homem e os animais têm interesses comuns, que a prosperidade de um é a prosperidade dos outros. É tudo mentira. O Homem não busca interesses que não os dele próprio. Que haja entre nós, uma perfeita unidade, uma perfeita camaradagem na luta. Todos os homens são inimigos, todos os animais são camaradas!

(ORWELL, 2007b, p.12-14)

O sonho da revolução, esta era a chamada introdutória na fantasia de *Revolução dos Bichos*. A analogia Orwelliana traz em sua abertura a principal característica da história da humanidade - A luta de classes. Esta luta se origina na desigualdade gerada nas relações entre os detentores dos meios de produção e aqueles que não vêem outra maneira de subsistência senão vender sua força de trabalho enquanto mercadoria. Ao submeter-se a esta situação, o trabalhador encontra-se face à realidade da exploração, que é o sustentáculo da obtenção do excedente do produto do trabalho a qual Marx (2000) denominara de mais-valia.

Esta realidade era conhecida de perto por Orwell. No período em vivera próximo a Yorkshare, as cenas do que viu marcaram profundamente e lhe expuseram a verdadeira faceta

da exploração industrial. “Só quando se vai para um pouco mais para o norte é que começa a encontrar o verdadeiro horror do industrialismo – um horror tão espantoso e impressionante que o máximo que se pode fazer é aceitá-lo a contragosto”. (Orwell, 1986a, p.105) Deste modo esta obra aborda o seu primeiro ponto chave. A necessidade do trabalhador em se libertar destes grilhões.

O porco Major morre poucos dias depois de seu sonho, entretanto, a semente da liberdade é plantada nas mentes e corações dos animais. Há divergências nas interpretações da representatividade do porco Major. Muitos acreditam se tratar de uma referência direta à Lênin, todavia, há um forte indicativo que esta personagem remonta ao próprio Marx, uma vez, que Lênin participara da revolução, portanto, não poderia estar associado desta forma. Outro indicativo que reforça ainda mais esta tese é a de que Major usa seu discurso para estruturar historicamente toda a exploração sofrida pelo homem, apontando as categorias nas quais se estruturam as formas de produção e organização do mesmo em sociedade, para poder identificar em sua conclusão que o único caminho para a real liberdade é a revolução. Uma clara referência ao *Manifesto do Partido Comunista e ao Capital*.

Para uma melhor compreensão apresentaremos os principais animais e sua representatividade analógica. Ressaltamos que esta correlação que faremos aqui não foi feita de forma explícita por Orwell e o mesmo se negava a fazê-lo. Sua intenção era de que o leitor fizesse por iniciativa própria. Portanto as interpretações expostas são frutos dos nossos estudos, estando os mesmos sujeitos a falhas ou incoerências.

Os porcos eram a elite intelectual dentre todas as raças de animais. Tão rapidamente adquiriam a capacidade de ler e escrever, o que lhes conferiram certa vantagem sobre os outros. Eles eram organizadores e gestores estratégicos na fazenda. Três deles se destacam após a morte de Major. *Garganta* era um porco de pequeno porte, mas de uma grande versatilidade com as palavras, representando assim o papel manipulador da imprensa totalitária. *Bola-de-Neve* era um porco notadamente inteligente preocupado sempre com a organização e bem estar de todos os animais no período pós-revolução. Esta era a figura representativa de Leon Trotsky. O terceiro porco não era tão nutrido de intelecto se comparado à *Bola-de-neve*, mas sua astúcia compensava de forma a torná-lo o mais poderoso animal do enredo. Seu nome sugestivamente era *Napoleão* e era a referência a Stálin.

No restante dos animais encontravam-se as outras classes da sociedade russa. *Mimosa* era uma égua que resumidamente poderia se definir em duas palavras: fútil e imbecil. Acostumada com gracejos de seu dono e sempre “adornada”, vivia confortavelmente e seu

trabalho não a exauria, o que a tornava um animal acomodado. Seu maior medo era perder o conforto ao qual se acostumara. Representava a classe média.

Moisés um corvo, vivia a pregar a existência de um mundo além daquela realidade (por vezes idílico). Somente ele o conhecia e exclusivamente através dele os outros animais poderiam conhecer. Não participaria da revolução, pois tinha com seu dono uma série de benefícios aos quais não gostaria de perder e considerava que seu papel na organização dos bichos sem o homem não faria sentido. Ele assume o papel da Igreja nas sociedades capitalistas.

Todos os outros animais representam as diversas classes de trabalhadores, porém um se destaca acima de todos - o cavalo *Sansão*. Este animal acredita de tal forma na revolução que se esforça sempre ao extremo para contribuir da única forma que pode, pois sua força é proporcional à sua ignorância. Acredita piamente na revolução e aceita sem cambaleiar a determinação dos porcos - “*Afinal por serem mais inteligentes eles sempre têm razão!*”. Orwell consegue com este personagem prender o leitor de uma forma apaixonante. Sua ingenuidade mostra a facilidade de manipulação presente na classe proletária, desde que esta esteja mergulhada numa ignorância estratégica. Os cães com sua força bruta equivalente somente à sua estupidez, sempre ao lado dos porcos intimidando os outros animais, simbolizam o exercício da força bruta do estado através do aparelho de coerção.

Por fim o ultimo personagem é o Senhor Jones. Se o Homem representava toda a elite que explorava o trabalhador (O latifundiário, o Governante e o Industrial), O Sr Jones detinha peculiares características que o associavam à elite russa que estava no poder antes da revolução de fevereiro de 1917. Fraco e debilitado, mantinha a fazenda que estava à beira da falência, num regime de extrema servidão e exploração. A indignação dos animais era exatamente correspondente à situação econômica (de caos) que se encontrava a nação ao qual a analogia se propõe. Após se envolver nos conflitos³⁰ com o Japão e retirar-se de forma constrangedora da I grande guerra, este país encontrava-se numa situação de instabilidade, sendo a classe trabalhadora a que mais sentira os efeitos destas derrotas.

“Semana após semana, os Gêneros de primeira necessidade escasseavam. A ração diária de pão foi diminuindo de 750 gramas para 500 gramas e, mais tarde, para 250, e ainda para 125. Afinal veio uma semana em que se chegou a nada: Não havia mais pão. O açúcar ficou reduzido à ração de um quilo por mês, mas consegui-lo era quase impossível. Uma barra de chocolate, ou 500 gramas de caramelos da pior espécie custava em toda a parte sete ou oito rublos, isto é um dólar ao câmbio da época. O leite não dava senão para a metade das crianças da cidade. A maior parte dos hotéis e das famílias não teve leite durante meses.”

³⁰ Guerra Russo-Japonesa travada em 1904 e 1905 onde se disputavam os territórios da Coréia e da Manchúria.

(REED, 2002, p.50)

Impulsionada por esta realidade a revolução acontece. Sem esperar esta reação dos “seus animais” o Sr Jones é escorraçado para fora de seus domínios. Passada a euforia da conquista e o sentimento de alívio do jugo do explorador, os animais se vêem diante da difícil tarefa de administrar a fazenda e criar sua própria subsistência. Com o objetivo de manter viva a chama da revolução, decidem viver por um código de conduta estabelecido pelo porco Major onde:

1. Qualquer coisa que ande sobre duas pernas é inimigo. 2. Qualquer coisa que ande sobre quatro pernas, ou tenha asas, é amigo. 3. Nenhum animal usará roupas. 4. Nenhum animal dormirá em cama. 5. Nenhum animal beberá álcool. 6. Nenhum animal matará outro animal. 7. Todos os animais são iguais.

(ORWELL, 2007b, p.25)

Estas leis inspiravam estes animais e paulatinamente são quebradas pelos porcos. No decorrer do processo revolucionário os animais líderes vão se diferenciando nitidamente dos outros animais. Primeiro na alimentação, depois na divisão social do trabalho. Após um período começam a relacionar-se com as outras fazendas causando grande questionamento³¹ por parte dos outros bichos, pois deste modo estavam sendo quebrados os dois primeiros princípios da revolução.

Todo o espírito da luta desaparece gradativamente sob o comando dos porcos. As leis aos poucos vão sendo alteradas, sempre no cair da noite, até o ponto de que todos os mandamentos estavam corrompidos. Aproveitando-se da ignorância dos outros animais, os porcos (sob a “pata forte” de Napoleão) estabelecem-se como os tiranos no poder. A revolução continuava, entretanto o último e principal mandamento fora modificado de tal forma a expressar o atual estado das coisas: ***todos os animais são iguais, porém alguns são mais iguais do que os outros.***

O objetivo que nos propomos não é o de apresentar o livro quadro a quadro. Para isso uma leitura já é suficiente. De fato já existem muitas análises e com certeza este é somente um complemento à vasta quantidade de críticas e argumentos que existem a cerca deste tema. O principal objetivo a que nos propomos é arrancar este livro do universo anti-esquerdista em que muitos o condenaram. Para tanto não é necessário muito esforço, pois a própria obra, quando lida de forma correta e isenta de pré-conceitos ideológicos, nos aponta a real crítica do autor.

³¹ Uma possível crítica devido às acossiações do período da II guerra mundial com os EUA e Inglaterra.

A primeira constatação relevante se dá ao observar o início da obra. A introdução do livro aborda a exploração do homem como um todo. A inicial crítica de Orwell, portanto, é feita ao próprio modo de produção capitalista e ao estado de degeneração que se encontra o homem, enquanto este é explorado pelos detentores dos meios de produção. Todo o conteúdo dos três primeiros capítulos, não trata de outra coisa se não a opressão, a necessidade da revolução e a satisfação e o alívio da quebra de jugos.

A segunda verificação na obra de Orwell, sendo que o mesmo deixa isso bem claro, é que sua crítica nunca se dirigiu às esquerdas e sim especificamente ao modelo Stalinista de governo e nunca à revolução russa como um todo, mas somente ao período em que ela, segundo ele, abandona boa parte de sua gênese. Ele respeitava esta vitória do povo russo como sendo um dos principais momentos históricos da humanidade. No prefácio à edição ucraniana de 1947 ele escreve as seguintes considerações:

E assim compreendi, mais claramente que nunca, a influência negativa do mito soviético sobre o movimento socialista ocidental.

Aqui é preciso parar para descrever minha atitude perante o regime soviético.

Nunca estive na Rússia e meu conhecimento a respeito dela consiste apenas do que pode ser aprendido pela leitura dos livros e jornais. Mesmo que estivesse o poder para tanto, nunca desejaria interferir nos negócios internos soviéticos: Jamais condenaria Stalin e seus associados só porque seus métodos bárbaros e antidemocráticos. E é possível que, mesmo com a melhor das intenções eles não pudessem agir da mesma maneira nas condições lá reinantes.

Por outro lado, porém, era da maior importância para mim que as pessoas na Europa Ocidental pudessem ver o regime soviético como de fato ele era. Desde 1930, eu vira poucos indícios de que a URSS estivesse avançando na direção de algo que se pudesse chamar de socialismo. Pelo contrário, ficava chocado diante dos sinais claros de sua transformação numa sociedade hierarquizada em que os governantes não têm mais razão de desistir do poder do que qualquer outra classe dominante. Além disso os trabalhadores e os intelectuais de um país como a Inglaterra não compreendem que a URSS de hoje é totalmente diferente do que foi em 1917. Em parte por que não querem compreender (ou seja, porque querem acreditar que em algum lugar existe de fato um país realmente socialista), e em parte porque, acostumados a relativas liberdades e moderação na vida pública, o totalitarismo lhes é completamente incompreensível.

(ORWELL, 2007b, p.144)

A busca da verdade foi a principal motivação inspiradora. O período do conflito espanhol teve fundamental influência, principalmente dado o desfecho e o papel da URSS para o mesmo. O Expurgo de *Bola-de-neve*, que representa de forma mais escancarada o exílio de Trotsky, é uma das claras alusões às mudanças do rumo da revolução soviética russa

e que o afetou de forma direta com a perseguição aos trotskistas do POUM na Espanha. Nesta passagem o autor consegue contaminar o leitor, que até este ponto torcia pelo sucesso da revolução, trazendo ao texto um forte sentimento de desilusão em relação ao futuro das conquistas dos bichos. No artigo com o título *Marx e a Rússia*, Orwell descreve sua opinião acerca do Stalinismo em relação ao legado de Marx.

Apenas algumas décadas após a morte de Marx eclodiu a Revolução Russa, e os homens que a lideraram se autoproclamaram, e se acreditavam os mais fieis de Marx. No entanto seu sucesso dependia de que abandonassem uma boa parcela dos ensinamentos de seu mestre.

(ORWELL, 2006a, p.100)

A grande consumação literária em que Orwell transmite sua total falta de descrédito com o futuro soviético é a morte de Sansão, onde é destruída (em sua obra) por via da manutenção do status da elite, a classe que mais representava o espírito de luta e a esperança de um sistema mais igualitário: a trabalhadora - que continuaria imergida na ignorância, na opressão e na exploração.

5.3 O futuro totalitário de Orwell

Próximo aos anos de sua morte, Orwell, que não tinha nenhum receio por sua crítica acentuada, traria mais uma ácida contribuição literária e que, a exemplo das que vieram antes, provocaria uma série de encaloradas discussões que perduram até os dias atuais. Seu novo projeto era o romance intitulado por uma data: *1984*, escrito em grande parte na ilha de Jura, na Escócia, entre 1947 e 1948, enquanto sofria de um quadro crítico de tuberculose.

O enredo trata de um futuro onde a reorganização geopolítica do globo está definida de forma bem diferente do ano em que foi escrito. O mundo agora se resumia politicamente a três grandes potências: Oceania, Lestásia e Eurásia. A história se passa na Oceania, mais precisamente na *Pista 51* que equivale geograficamente à Inglaterra. A Oceania vive sob o regime totalitário do *Grande Irmão* (no original, *Big Brother*), a expressão máxima do *Partido*, sendo que ambos representam a mesma idéia. Este partido por sua vez se estrutura em quatro grandes ministérios.

Espalhados por Londres havia outros três edificios de aspecto e tamanho semelhantes. Dominavam de tal maneira a arquitetura circunjacente que do telhado da Mansão Vitória era possível avistar os quatro ao mesmo tempo. Eram as sedes dos quatro Ministérios que entre si dividiam todas as funções do governo: o Ministério da Verdade, que se ocupava das notícias,

diversões, instrução e belas artes; o Ministério da Paz, que se ocupava da guerra; o Ministério do Amor, que mantinha a lei e a ordem; e o Ministério da Fartura, que acudia às atividades econômicas. Seus nomes, em Novilíngua: Miniver, Minipaz, Miniamo e Minifarto.

(Orwell, 2005a, p.08)

A sociedade era dividida em *Membros do Partido* e *Proles*. Esta última é a classe trabalhadora responsável por toda a produção da sociedade. Em maior número, os *Proles* viviam sempre condicionados a um determinado estado de ignorância, para deste modo não se tornarem uma ameaça ao governo. Os membros do partido eram os responsáveis pelos trabalhos administrativos e estavam alocados em um dos quatro grandes ministérios que tinham por finalidade a gestão do sistema, existindo uma hierarquia interna dentro do Partido.

Havia uma separação entre estas duas classes. A primeira distinção se dava na organização geoespacial. Os membros do Partido moravam em prédios designados somente a eles, enquanto os *Proles* viviam segregados em bairros destinados à sua proliferação. Não era permitido aos *Proles* andar em áreas do Partido, assim como os membros do Partido deveriam “evitar” seu contato com os proles.

Outra diferença se dava na reprodução sexual de cada classe. Enquanto os proles podiam relacionar-se livremente “entre si”, os camaradas (denominação adotada internamente entre os membros do partido) relacionar-se-iam com os seus iguais somente para fins de reprodução. Suas famílias portanto eram uma extensão do partido e a educação dos filhos era destinada com o propósito de fazê-los pequenos militantes, levando as crianças a denunciarem seus pais, vizinhos e pessoas próximas caso fossem suspeitos de conspiração. Este era um dos maiores orgulhos que se podia ter na família: um pequeno vigilante a serviço do Governo.

O “cuidado” do partido para com seus membros era constante. Como estes tinham acesso a um grau de instrução bem acima dos proles (na verdade os proles eram praticamente animais em termos de conhecimento), vivam sob constante observação. Não bastasse o clima tenso no trabalho onde a qualquer momento uma atitude suspeita poderia ser considerada como argumento de traição, tinham sua intimidade monitorada pela *Teletela*³², uma espécie de aparelho áudio-visual que recebia e mandava mensagens aos membros do partido. Jamais poderia ser desligada. No máximo seu volume era reduzido ou seu sistema de recepção vídeo desligado. Seu sistema de monitoramento (o modo de captura de imagens) funcionava

³² Se comparados com a nossa atual tecnologia, poderíamos dizer que era um misto de aparelho de televisão comunicativo de mão dupla. Tanto transmitia informações ao indivíduo quanto captava as informações do mesmo. Tecnologia similar às ferramentas de comunicação da Internet como o MSN ou SKYPE ao utilizar áudio e vídeo.

ininterruptamente. Era a presença constante do grande irmão. Daí deriva a expressão “*O Grande Irmão*³³ *cuida de você!*”, presente em toda a obra.

Outra característica desta ficção é a *Novilíngua* (uma nova língua), uma espécie de vocabulário que há anos estava sendo aprimorado e que ao estar pronto impediria que as pessoas se expressassem colocando-se contra o regime. A base do êxito da novilíngua reside no *Duplipensar* que corresponde a um conceito, segundo o qual é possível ao indivíduo conviver simultaneamente com duas crenças diametralmente opostas e aceitar ambas.

Era obrigatório que diariamente os cidadãos parassem o trabalho por dois minutos, com a finalidade de atacar histericamente o traidor foragido: Emmanuel Goldstein. Em seguida dedicariam um período adorando a figura do Grande Irmão. Ambos foram os responsáveis pela revolução que era a gênese da constituição da Oceania. Goldstein se voltou contra o partido, fugindo e se tornando seu maior traidor. Sempre era acusado como responsável por qualquer insucesso do regime (assim como Bola-de-Neve em *Revolução dos Bichos*). Era associado sempre ao atual inimigo (já que havia um rodízio nas posições de inimigo, aliado e neutro com a Lestásia e Eurásia).

O enredo apresenta o último e mais famoso protagonista de Orwell: Wiston. Funcionário do ministério da verdade, ele é uma pessoa que se vê a todo tempo impelido por um senso questionador de sua realidade. Tem sua mente perturbada devido a lacunas de memória que trazem constantes indagações acerca de seu passado. No desenrolar da história se envolve num relacionamento amoroso com Julia, sendo que este é proibido. Estimulado por seu camarada O’Briam, acaba se entregando à sedução de abandonar a fé no partido.

Este livro em especial, também foi considerado por muitos como um escrito de resistência ou de ataque ao movimento socialista. Nas palavras de Orwell este equívoco se esclarece:

Meu romance recente [Nineteen Eighty-Four] NÃO foi concebido como um ataque ao socialismo ou ao Partido Trabalhista Britânico (do qual sou um entusiasta), mas como uma mostra das perversões... que já foram parcialmente realizadas pelo comunismo e fascismo. O cenário do livro é definido na Grã-Bretanha a fim de enfatizar que as raças que falam inglês não são intrinsecamente melhor do que nenhuma outra e que o totalitarismo, se não for combatido, pode triunfar em qualquer lugar.

(ORWELL, 2000, p. 252)

A principal análise que pode ser extraída de *1984* já se encontra resumidamente nas suas primeiras páginas. O princípio do *Ingsoc* (uma referência ao socialismo Inglês da época),

³³ O Nome do Reality show famoso em várias partes do mundo *Big Brother* vem da obra de Orwell e sua idéia partiu justamente do sistema de monitoramento das *teletelas* sobre os membros do partido.

que é o conjunto de idéias que deu origem ao partido e à revolução e resume-se em três enunciados:

- Ignorância é força
- Guerra é paz
- Liberdade é escravidão

Somente nestes três enunciados, Orwell resume toda sua obra e toda sua percepção da estrutura econômica que rege seu tempo. Ao investigarmos com cuidado todos seus escritos chegamos à conclusão que 1984 reúne uma série de elementos peculiares a todas as obras anteriores que já escrevera, aglutinadas em um só livro. A finalidade do enredo é expor a sua perspectiva acerca da luta de classes. Ao analisarmos os diferentes movimentos históricos, marxistas apóiam-se na seguinte afirmativa.

[...] A história de todas as sociedades que existiram até nossos dias tem sido a história das lutas de classes. Homem livre e escravo, patricio e plebeu, barão e servo, mestre de corporação e companheiro, numa palavra, opressores e oprimidos, em constante oposição, têm vivido numa guerra ininterrupta, ora franca, ora disfarçada; uma guerra que terminou sempre, ou por uma transformação revolucionária, da sociedade inteira, ou pela destruição das duas classes em luta.

(MARX, 2001, p23)

A Luta de classes é a grande roda mestre na engrenagem da história. Orwell percebera isto durante sua vida. Chegara à conclusão que, independente de qual regime político o homem estava submetido, estas eram as três formas de subjugar-lo.

A primeira delas é a Ignorância. *“Conhecereis a verdade e a verdade vos libertará”* (João 3:28). Este é o principal instrumento de dominação utilizado pelas elites. *A manutenção da ignorância é papel fundamental do Estado Totalitário.* É duro constatar isso, mas esta é a realidade. Seja pelos meios de comunicação, ou pela educação secular das escolas, o conhecimento não pode chegar de forma “completa” a todos. Na sociedade moderna esse “completo conhecimento” chega à todos mas de forma distorcida e aliado ao interesse do dominante. O simples motivo para tal postura é que o “conhecimento da verdade” gera senso crítico, o senso crítico leva ao questionamento da ordem das coisas, esse questionamento por consequência sempre sugere mudanças, e mudanças alteram a ordem social. Sem conhecimento não há revolução.

A guerra, o segundo pilar desse sistema de domínio da sociedade, a qual pode ser considerada também como violência de forma geral. É a forma mais brutal de domínio, porém deve ser utilizada em ultimo instante. Literalmente guerra é paz. A força física traz consigo a paz. Pode não trazê-la de forma gentil como uma mãe ao pegar um recém nascido, mas a traz

de forma incontestável e eficaz. A violência é o instrumento de coerção do Estado a qualquer tentativa de mudança da ordem e quando falamos de governo estamos nos referindo aos interesses de determinada elite que se mune de um aparato jurídico. Se a corrente da ignorância quebrar, a violência é o *Capitão do Mato* que traz o dominado ao seu devido lugar. Quando se trata de conflito entre nações, a violência é uma notável senhora em busca da paz. Na Espanha da década de 1930 o general Franco era tido pela Igreja católica como o cavaleiro da paz que traria a ordem frente à invertida dos vermelhos (ORWELL, 1986c). Na segunda guerra mundial Hiroshima conheceu a paz através de um pequeno garoto ³⁴ que pesava 13 kilotons de TNT.

O conceito de liberdade é a última e mais potente forma de submissão. O que vem representar este conceito? Segundo Orwell (2007a) a sociedade totalitária de sua ficção não difere em nada da real no que se refere à liberdade, ou melhor, à falta dela. Pelo contrário, se na ficcional a falta da liberdade se demonstra de forma explícita, na real, na capitalista (tinha como exemplo a Inglesa), ela se coloca como implícita. Implícita pelo fato de que o indivíduo não pode realizar nenhuma atividade que deseja se não tiver dinheiro. Se não possuir os meios de agir socialmente, os recursos que lhe garantam ser um consumidor a todo instante, ele não é bem vindo neste meio. Nesta sociedade o homem é escravo do dinheiro, esta é a mensagem do último pilar do *Ingsoc*. A Liberdade, portanto é uma ilusão. Por isso liberdade é escravidão.

Para manter estes três aspectos do *Ingsoc* a Oceania contava com seus quatro ministérios que respectivamente cuidariam dos pontos que acabamos de abordar. A Ignorância ficaria a cabo do Ministério da Verdade. A guerra e a violência aos cuidados dos Ministérios do Amor e da Paz. Por fim, ao Ministério da fartura restava a função de prover a ilusão de liberdade ao indivíduo através do provimento das condições necessárias à sua reprodução.

Essa é a essência do duplipensar. Ele não é algo restrito somente à obra de 1984. No início pode parecer complexo, mas ele faz parte de nossa realidade. A obra de Orwell na sua totalidade quer nos passar esta mensagem. E como fica a luta de classes dentro deste contexto? Para resposta desta pergunta surge neste livro um dos textos mais duros de Orwell, com certeza proveniente de sua desilusão frente ao processo histórico.

34 Little Boy ("menininho", ou "rapazinho", em português) é o nome de código de uma bomba atômica largada sobre Hiroshima, no Japão, na Segunda-feira 6 de agosto de 1945. Kiloton é uma unidade de medida de massa correspondente a mil toneladas.

Desde que se começou a escrever a história, e provavelmente desde o fim do Período Neolítico, tem havido três classes no mundo, Alta, Média e Baixa. Têm-se subdividido de muitas maneiras, receberam inúmeros nomes diferentes, e sua relação quantitativa, assim como sua atitude em relação às outras, variaram segundo as épocas; mas nunca se alterou a estrutura essencial da sociedade. Mesmo depois de enormes comoções e transformações aparentemente irrevogáveis, o mesmo diagrama sempre se restabeleceu, da mesma forma que um giroscópio em movimento sempre volta ao equilíbrio, por mais que seja empurrado deste ou daquele lado.

Os objetivos desses três grupos são inteiramente irreconciliáveis. O objetivo da Alta é ficar onde está. O da Média é trocar de lugar com a Alta. E o objetivo da Baixa, quando tem objetivo - pois é característica constante da Baixa viver tão esmagada pela monotonia do trabalho cotidiano que só intermitentemente tem consciência do que existe fora de sua vida - é abolir todas as distinções e criar uma sociedade em que todos sejam iguais. Assim, por toda a história, trava-se repetidamente uma luta que é a mesma em seus traços gerais. Por longos períodos a Alta parece firme no poder, porém mais cedo ou mais tarde chega um momento em que, ou perde a fé em si própria ou sua capacidade de governar com eficiência, ou ambas. É então derrubada pela Média, que atrai a Baixa ao seu lado, fingindo lutar pela liberdade e a justiça. Assim que alcança sua meta, a Média joga a Baixa na sua velha posição servil e transforma-se em Alta. Dentro em breve, uma nova classe Média se separa dos outros grupos, de um deles ou de ambos, e a luta recomeça. Das três classes, só a Baixa nunca consegue nem êxito temporário na obtenção dos seus ideais. Seria exagero dizer que não se registra na história progresso material. Mesmo hoje, neste período de declínio, o ser humano comum é fisicamente melhor do que há alguns séculos. Mas nenhum progresso em riqueza, nenhuma suavização de maneiras, nenhuma reforma ou revolução jamais aproximou um milímetro a igualdade humana. Do ponto de vista da Baixa, nenhuma modificação histórica significou mais do que uma mudança do nome dos amos.

(Orwell, 2005a, p.193 - 194)

Este texto encontra-se no manifesto de Emmanuel Goldstein. É a obra escrita por um de seus personagens, dentro do universo fictício de seu livro. Neste texto Orwell, depois de anos estudando e escrevendo sobre a sociedade de seu tempo, chega à conclusão de que o futuro da classe trabalhadora é definitivamente a exploração. Independente de qual governante e da ideologia a ser seguida, sempre terá seu lugar imutável no contínuo processo de mudanças estruturais, pois seu papel nada mais é que servir de instrumento de manobra para outra classe chegar ao poder. Sua previsão pode ser tida como sombria, todavia é honesta e foge da mediocridade ao sustentar um pensamento que não foge da realidade dos fatos.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Trabalhar Orwell foi um grande desafio. Primeiro pelo fato de que ao ler sua obra descobre-se que este é um autor que não gosta de ser analisado. Segundo por que a intenção desta pesquisa era a de não faltar com respeito à sua memória, e isso aconteceria se fosse seguida a tendência dos inúmeros estudos que se propagam baseados em um escasso conhecimento e munidos de um espírito de luta ideológica. Esta pesquisa dirigiu-se em descobrir quem era Orwell (por ele mesmo) e extrair suas ponderações, sem manipulá-las para defender um discurso político. Essa foi uma tarefa árdua, porém compensatória.

Uma preocupação que se fez presente desde o início do projeto foi em relação à escolha deste autor. Não pode se ignorar o fato de que o campo da literatura econômica por vezes é muito restrito. Por mais que haja uma considerável gama de escritores, principalmente na área de economia política, observa-se uma seleção de quais devem ser escalados como titulares para o time da discussão acadêmica e quais devem ficar no banco de reservas do esquecimento. Estudar um autor que não faz parte deste universo e que por muitos é desconhecido se mostrava mais complexo do que se imagina.

Com estas dificuldades observadas, partimos para a pesquisa com a finalidade de descrever primeira metade do século XX na perspectiva deste escritor. O resultado mostrou-se mais satisfatório que o desejado, pois nossa compreensão acerca deste período, baseada na ótica Orwelliana, nos aproximou de fato do sentido social que por vezes a Ciência Econômica deixa de lado no tocante à análise das relações entre os homens. As expressões numéricas impessoais e os métodos quantitativos cediam lugar à vida que existia na descrição concisa dos fatos por ele abordados.

A primeira consideração que podemos extrair desta pesquisa refere-se à motivação que gera a produção literária. Em 1946 Orwell (2005b) escreve um artigo intitulado *Por que escrevo*. Nele considerava que os escritores enquadram-se em quatro categorias. A primeira delas é a dos que escrevem por *Puro Egoísmo*, querendo apenas satisfazer o desejo de notoriedade. Há aqueles que produzem obras por puro *Entusiasmo Estético*, ansiando transmitir em seus escritos sua percepção da beleza do mundo externo. O *Propósito Político* é a motivação da criação de muitas obras que desejam assim lançar o mundo em determinada direção. A última categoria de escritores é a dos que escrevem por *Impulso Histórico*, tendo o simples desejo de ver as coisas como elas são, encontrar os fatos verídicos e guardá-los para o

uso da posteridade. Esta última categoria de escritores é aquela que se preocupa com um dos princípios mais estimados por Orwell: a verdade dos fatos.

Este impulso histórico é a maior característica deste escritor e de certa forma foi o principal motivador desta pesquisa. Esta descrição de um recorte histórico à luz do *jornalismo gonzo*³⁵, que é sua categoria, é de fundamental importância para a compreensão dos aspectos sociais do período analisado, que inseridos nesta estrutura econômica de maturação das formas de produção (em que a Europa se encontrava no século XX), apresentava-se como um atrativo sem igual para o aprofundamento desta investigação. Orwell consegue eternizar sua obra de tal forma que suas descrições rompem a limitação do espaço e do tempo.

Em *Dias na Birmânia*, encontramos elementos comuns a muitos locais onde ocorreram processos de colonização ou neocolonização. Um exemplo a esta afirmativa se encontra ao estudar a relação nociva da *United Fruit Company*³⁶ sobre a Guatemala. Os impactos sociais naquela região e a dependência que se criou em face de suas atividades econômicas foram devastadoras, assim como fora na Birmânia a presença do Colonialismo Inglês. A consideração que se tinha pelos guatemaltecos era nitidamente igual à que os ingleses tinham para com os birmaneses. O aparecimento de uma classe parasitária local (aquela que usufruía de benefícios da exploração) também era um fator comum. Lugares e períodos completamente diferentes - enredo e atores exatamente iguais.

Investigar os pobres de sua época *foi a cutucada na ferida* do mundo capitalista. A imagem marginal que se tem destes indivíduos é algo difícil de ser arrancado das mentes de quem nunca sentiu a necessidade de forma concreta. O mais interessante é que não mudou muita coisa de lá pra cá. No posfácio de *Na Pior em Paris e em Londres*, publicado pela Companhia das Letras, o Jornalista Sérgio Augusto (AUGUSTO In ORWELL, 2006b, p.247-255) conta que:

Na virada do século, a jornalista e ensaísta americana Barbara Ehrenreich resolveu descobrir *in vitro* como era ser pobre e desempregada na próspera América de Bill Clinton. [...] Passou meses morando precariamente e ganhando entre três e sete dólares por hora. [...] Sua desconfiança de que o subemprego, mesmo nos EUA, nada mais era do que uma exploração iníqua da mão-de-obra e um beco sem saída para o patamar de cima confirmou-se imediatamente. [...] Sua obra foi um Best-seller instantâneo e duradouro, aqui no Brasil traduzido como *Miséria à americana* (Record, 2004).

³⁵ **Gonzo** é um estilo de narrativa em jornalismo, cinematografia ou qualquer outra produção de mídia em que o narrador abandona qualquer pretensão de objetividade e se mistura profundamente com a ação.

³⁶ Multinacional estadunidense que se destacou na produção e no comércio de frutas tropicais (especialmente bananas e abacaxis). Sua estrutura era a seguinte: Seu escritório era nos EUA e suas fazendas eram literalmente alguns países do Caribe e da América Central. Por diversas vezes a CIA garantia seus interesses.

A análise acerca do fascínio que se tem sobre o dinheiro, por vezes se torna cômica e irônica ao acompanharmos as aventuras de Gordon Comstock. Quando esta leitura é executada de forma mais atenta e compromissada, sente-se a impressão de que estamos lendo uma história sobre os dias atuais. Com o intuito de revelar a simples face da classe média, consegue incitar a ira de muitos, devido à mediocridade contida no fato de não aceitarem a verdade. Este fetiche da mercadoria, que Marx (1996a) observa quase cem anos, antes está presente, também, na década de 1930 e só ganhou força desde então.

Hoje automóveis, celulares, computadores, uma gama de mercadorias absorvem esta condição de desejo do homem. E o dinheiro por sua vez, o verdadeiro *Astaroth*³⁷ de Gordon (Orwell, 2007a, p.187), é o único amigo que o homem realmente precisa ter intimidade. O mais interessante, e que só se confirma nos dias de hoje, é a noção de inserção social (e conseqüente exclusão) que o sistema capitalista traz através do padrão consumo.

Antes de mais nada, os pobres de hoje (ou seja, as “pessoas que são problemas” para outras) são “não-consumidores”, e não desempregados. São definidos em primeiro lugar por serem consumidores falhos, já que o mais crucial dos deveres sociais que eles não desempenham é o de ser comprador ativo e efetivo dos bens e serviços que o mercado oferece. Nos livros de contabilidade de uma sociedade de consumo, os pobres entram na coluna dos débitos, e nem por exagero da imaginação poderiam ser registrados na coluna dos ativos, sejam estes presentes ou futuros.

Reclassificados como baixas colaterais do consumismo, os pobres são agora, e pela primeira vez na história registrada, pura e simplesmente um aborrecimento e uma amolação.

[...] Os pobres da sociedade de consumidores são inúteis.

(BAUMAN, 2008, p.160)

A abordagem do conflito na Espanha foi o tema que mais trouxe enriquecimento cultural durante o período de pesquisa, principalmente por encontramos uma quantidade maior de versões que contam a história pelo lado dos vencedores e quase não haverem versões que contem o ponto de vista dos democráticos, tendo desta forma este relato biográfico um significado ímpar. Muitos aspectos da guerra não foram aqui abordados pela limitação característica de um trabalho de conclusão de curso, além é claro do fato de que precisávamos ser concisos pela variedade dos temas abordados. Indicamos, portanto, *Lutando na Espanha e recordando a guerra civil* por ser uma das mais ricas descrições históricas sobre o evento comparando-se, pelo preciosismo ao transmitir os detalhes, à obra de John Reed que cobriu a revolução russa assim como a mexicana. A preocupação nos pormenores vai desde a

³⁷ Dizem certos autores de demonologia que Astaroth é um grão duque do Inferno, sendo Satanás o imperador.

explicação da constituição dos partidos políticos e suas características, passando pela reconstituição do equipamento bélico utilizado em cada combate. Essa obra é de fundamental importância para se compreender os conflitos que se seguem na Europa nas décadas de 1930 e 1940, assim como para entender sua decisão de denunciar o modelo soviético, determinação que Orwell tomaria meses depois de sua retirada da frente de batalha.

Em *Revolução dos Bichos*, chega-se à compreensão que sua crítica ao modelo soviético também é uma crítica ao modelo capitalista. Ambos se assemelhavam, segundo o autor, no que diz respeito à exploração do trabalhador. Entretanto vale salientar que Orwell deixa bem claro que tinha mais conhecimento e proximidade com o último modelo, do que com o modelo imposto pela URSS. A principal consideração ao se fazer esta leitura (assim como para a leitura de 1984) é que a princípio se parta para a gênese do autor, especificamente *Dias na Birmania*, caso contrário, será feita uma interpretação aleijada de sua obra. É muito difícil compreender o todo, analisando somente o fim dele. Podemos com certeza afirmar que seu objetivo fora realizado com a criação deste conto. “*Pensei em denunciar o mito soviético em uma história que fosse de fácil compreensão por qualquer pessoa e fácil de traduzir para qualquer idioma*”. (ORWELL, 2007b, p.113)

A obra que mais demonstra a atualidade de Orwell é *1984*, sem dúvida. Quanto mais avança o modo de produção capitalista, mais este se torna um livro de cabeceira. As exposições das páginas 61 a 64 desta pesquisa já indicam isto de forma bem incisiva. O papel da informação, ou melhor, da desinformação, é algo notório nesta obra e de fundamental importância no processo de manipulação.

A mídia atual, principalmente a televisiva que concentra maior poder de alcance (com raríssimas ou quase inexistentes exceções), tem uma postura diretamente ligada aos interesses das elites que governam. Os jornalistas de hoje tem um compromisso com a verdade do estabelecimento que o contrata, e cada “empresa” midiática tem uma versão de verdade diferente. O crescimento do poder destes mega blocos comerciais interferem de forma direta na governabilidade de um país.

Na América Latina essa situação se agrava. Favorecida pelo fato de que em muitas localidades não existam meios de comunicação alternativos (como a internet ou periódicos de origem externa), os grandes monopólios comunicativos transformam-se no principal meio de informação do povo, tornando-se os arautos da “verdade” em vários países. Trazendo sempre uma posição política definida e dizimando qualquer oportunidade de criação do pensamento crítico, as redes informativas despejam toneladas de conteúdo devidamente processado nos lares diariamente e de forma constante.

Um exemplo que pode ser citado é a recente situação política na Venezuela, que tem constantemente o atual presidente Hugo Chavez na mira dos ataques da imprensa, em especial a televisiva. Todavia ao ter contato com o documentário “*A verdade não será televisionada*”³⁸ percebe-se que a real situação no país vizinho é muito distinta da que nos é contada e que a mídia e as elites, quando aliadas aos interesses internacionais, conseguem colocar ou derrubar governantes no poder.

A questão do duplipensar e da novilíngua é bastante interessante. Basta olhar os EUA e ver a função do seu “Ministério da Defesa”, um órgão com este nome, mas que sempre funcionou como *Ministério do Ataque*. No limiar do século XXI a paz às nações ocidentais se dá graças a inúmeras investidas “justificáveis” ao mundo árabe. A exemplo dos países do oriente médio, o Imperialismo estadunidense se sente no “direito” de intervir na América Latina para garantir seus interesses, utilizando-se dos mais diversos argumentos que venham sustentar seus atos. Segundo Noam Chomsky, sobre as recentes intervenções deste país no continente latino americano, em especial na Colômbia:

O pretexto para a ajuda militar dos EUA é uma guerra às drogas, levada a sério por poucos observadores competentes, por motivos substanciais. Fora a questão da plausibilidade, vale notar que o pretexto se baseia na notável pressuposição, praticamente não questionada, de que os EUA têm o direito de empreender ações militares e travar guerras químicas e biológicas em outros países para erradicar uma lavoura de que não gosta, apesar de, supostamente, as “modernas noções de justiça” não darem à Colômbia - ou à Tailândia, China, e a muitos outros – o direito de fazer o mesmo na Carolina do Norte para eliminar uma droga muito mais letal que foram obrigados a aceitar (e a divulgar) sob a ameaça de sanções comerciais, a um custo de milhões de vidas.

(CHOMSKY, 2003, p.25)

A verdade jornalística por sua vez é composta da mais ordinária mentira. A liberdade do indivíduo, devidamente monitorado pelos órgãos de repressão e limitado de acordo com sua capacidade de consumo, é outro fator preponderante na contemporaneidade. *Guerra é Paz, Ignorância é Força e Liberdade é Escravidão*. Princípios que nunca deixam de ser atuais.

Com base nas contribuições que este autor traz ao abordar diferentes temas que se relacionam de forma direta com a economia, ele se torna um poderoso auxílio para compreender as relações sociais não só de sua época, mas também as da atualidade. A vasta

³⁸ Direção de Kim Bartley e Donnacha O'Briain. – Dois Jovens estavam na Venezuela produzindo um documentário sobre o governo bolivariano, quando foram pegos de surpresa pela ação do golpe de estado de direita, no interior do Palácio Miraflores e puderam, sem qualquer espécie de edição, apenas ordenando as cenas, mostrar o poder da mentira televisiva. Foi um golpe da televisão privada associada a generais corruptos e empresários, enfrentado e abortado por uma espetacular reação do povo.

obra de Orwell em todos os seus aspectos se mostra extremamente útil ao estudo econômico trazendo um senso crítico que este por vezes esta ciência ignora. A contribuição trazida ao entendimento histórico do período analisado é de fundamental importância para a compreensão da evolução do capitalismo moderno. Não desmerecidamente, foi o único escritor da história que teve um único título traduzido para mais de 67 idiomas.

Este trabalho não poderia encerrar-se sem tentar responder a pergunta que com certeza se originou na mente de quem o leu. Qual a posição ou direcionamento político de Orwell? Para alguém tão complexo quanto ele não seria uma simples resposta que o rotularia. A princípio podemos afirmar que ele é acima de tudo um anti-totalitarista. Defensor do direito democrático e simpático ao movimento socialista, ou qualquer outro que lute pelos anseios da explorada classe trabalhadora. Este é George Orwell (1903-1950)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUMAN, Zygmunt. **Vida para consumo: A transformação das pessoas em mercadorias.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008. 198 p.

BEIGUELMAN-MESSINA, Giselle. **A guerra civil espanhola, 1936-1939.** São Paulo: Scipione, 1994. 94p.

CERVO, A. L. & BERVIAN, P. A. **Metodologia científica:** para uso de estudantes universitários. 3ª ed. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1983.

CHOMSKY, Noam. **Uma nova geração define o limite:** Os verdadeiros critérios das potências ocidentais para suas intervenções militares. Rio de Janeiro: Record, 2003. 174 p.

DATHEIN, Ricardo. **Inovação e Revoluções Industriais:** uma apresentação das mudanças tecnológicas determinantes nos séculos XVIII e XIX. Rio Grande Do Sul, UFRS. 2008

HEILBRONER, Robert. **A história do Pensamento Econômico.** Coleção os Economistas. 3ª ed. São Paulo: Abril Cultural, 1996.

HOBBSAWM, Eric J. (1961). **A Era das Revoluções: 1789-1848.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

HOBBSAWM, Eric. **A era do Capital.** 3ª Ed. São Paulo: Editora Paz e terra, 2007

HOBBSAWM, Eric J. (1986). **A Era dos Impérios: 1875-1914.** 7ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

HOBBSAWM, Eric J. (1968). **Da Revolução Industrial Inglesa ao Imperialismo.** Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1983.

HOBSON, John A. **A Evolução do Capitalismo Moderno.** Coleção os Economistas. 3ª ed. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

KOSIK, Karel. **Dialética do concreto.** 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976. 230 p.

LAKATOS, Eva Maria. MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia Científica.** São Paulo: Atlas, 1983.

LANDES, David S. (1969a). **Progreso Tecnológico y Revolucion Industrial.** Madrid: Editorial Tecnos, 1979.

LANDES, David S. (1969b). **Prometeu Desacorrentado:** transformação tecnológica e desenvolvimento industrial na Europa ocidental, desde 1750 até a nossa época. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.

LÊNIN, Vladimir Litch. **Imperialismo, etapa superior do capitalismo.** São Paulo: Centauro, 2002

LISBOA, Armando de Mello. Linguagem e realidade na economia moderna. **3º Encontro Nacional de Economia Política**. Niterói: 1979.

LUZ, Marcelo L. R. L. et AL. **Conseqüências das atividades advindas das revoluções industrial, tecnológica e de informação na atividade produtiva do homem**. Rio Grande do Norte: COBEMGE, 2001

Disponível em: <<http://www.pp.ufu.br/Cobenge2001/trabalhos/EQC002.pdf>>

Último acesso em 22/07/2010 às 18:30hs

MARX, Karl. **Uma contribuição para a crítica da economia política**. 12ª Ed. São Paulo: Pioneira, 2000.

MARX, Karl. ENGELS, Friederich. **A Ideologia Alemã**. São Paulo: Martin Claret, 2007.

MARX, Karl. ENGELS, Friederich. **Manifesto do Partido Comunista**. Rio Grande do Sul: L&PM POCKET, 2001.

MARX, Karl. **O Capital**. Coleção os Economistas. Vol 1. 3ª ed. São Paulo: Abril Cultural, 1996a.

MARX, Karl. **O Capital**. Coleção os Economistas. Vol 2. 3ª ed. São Paulo: Abril Cultural, 1996b.

MARX, Karl. **Prólogo a la Contribución a la Crítica de la Economía Política**. Marxists Internet Archive: Março de 2001.

Disponível em: <<http://www.marxists.org/espanol/m-e/1850s/criteconpol.htm>>

Último Acesso em 30/06/2010 às 14:45hs

MASSARANI, Luisa. MOREIRA, Ildeu de Castro. A Retórica e a Ciência: Dos artigos originais à divulgação científica. **A Linguagem da Ciência**, Campinas, Nº 4, p. 1-15, abr/maio de 2005.

MAX-NEEF, Manfred. **La economia descalza**. Montevideo: Nordan, 1986

NETO, Ricardo Bolanume. **George Orwell**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984.

ORWELL, George. **1984**. 29. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2005a. 301 p.

ORWELL, George. **A Caminho de Wigan Pier**: Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1986a. 225 p.

ORWELL, George. **A flor da Inglaterra**. São Paulo: Companhia Das Letras, 2007a. 314 p.

ORWELL, George. **A revolução dos bichos**. São Paulo: Companhia Das Letras, 2007b. 147 p.

ORWELL, George. **Dentro da Baleia:** e outros ensaios. São Paulo: Companhia Das Letras, 2005b. 227 p.

ORWELL, George. **Dias na Birmânia:** São Paulo: Círculo do Livro, 1986b. 257 p.

ORWELL, George. **Literatura e Política:** Jornalismo em tempos de guerra. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006a. 237 p.

ORWELL, George. **Lutando na Espanha:** e recordando a guerra civil. Rio de Janeiro: Editora Globo, 1986c. 269 p.

ORWELL, George. **Na pior em Paris e Londres.** São Paulo: Companhia Das Letras, 2006b. 255 p. Tradução Pedro Maia Soares.

ORWELL, George. **The Collected Essays:** Journalism and Letters of George Orwell. Boston: Penguin, 2000

REED, John. **10 dias que abalaram o mundo.** Porto Alegre: L&PM, 2002. 373p

SANTOS, Theothônio dos. **Dependencia y Cambio Social.** Buenos Aires: Dinheirorotu editores, 1975.

SCLIAR, Moacir. Para Scliar, ciência e literatura são compartimentos da mesma cultura. **Jornal da UNICAMP**, Campinas, p-9, 30 mai. 2004.

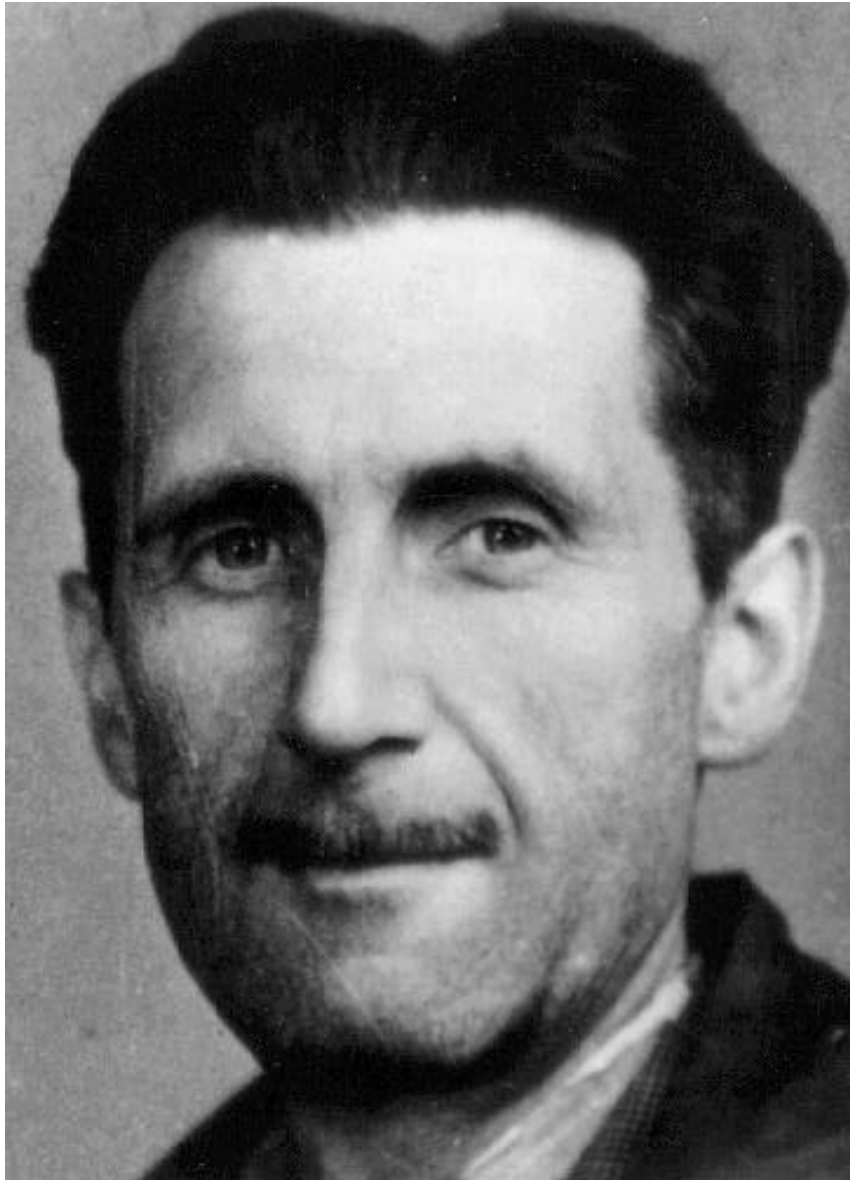
SMITH, Adam. **A riqueza das Nações:** Investigação sobre sua natureza e suas causas. Coleção os Economistas. Vol 1. 3ª ed. São Paulo: Abril Cultural, 1996.

THOMAS, Hugh. . **A guerra civil espanhola.** Rio de Janeiro (RJ): Civilização Brasileira, 1964.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo.** 12ª Ed. São Paulo: Pioneira, 2000.

ANEXOS

ANEXO A – George Orwell (foto mais popular)



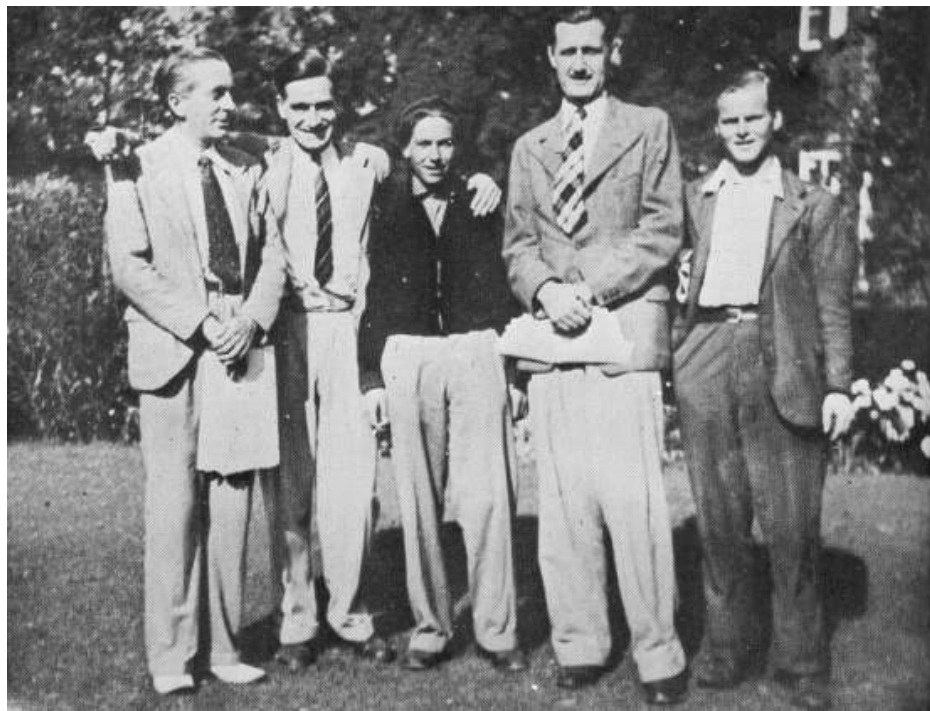
Fonte: k-1 Blog (Disponível em: <http://www.k-1.com/Orwell/site/about/pictures.html>)

ANEXO B – Treinamento da polícia birmanesa (o terceiro da esquerda para direita, na fileira de cima)



Fonte: k-1 Blog (Disponível em: <http://www.k-1.com/Orwell/site/about/pictures.html>)

ANEXO C – Orwell Na Espanha (o mais alto)



Fonte: k-1 Blog (Disponível em: <http://www.k-1.com/Orwell/site/about/pictures.html>)

ANEXO D - Orwell em treinamento militar na Espanha (o terceiro em pé da direita para esquerda)



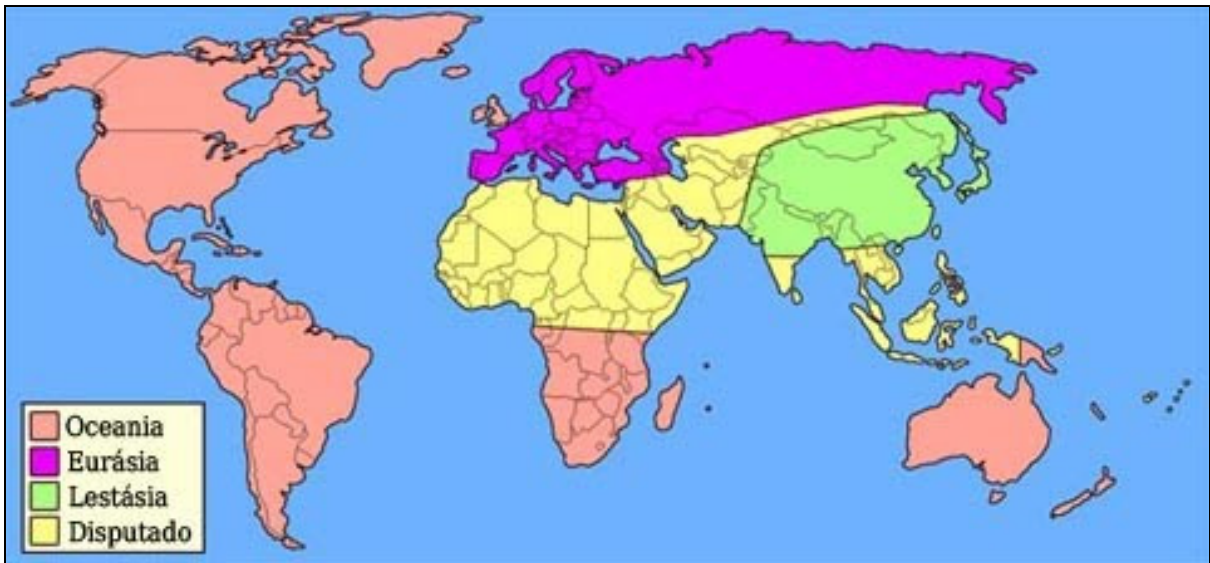
Fonte: k-1 Blog (Disponível em: <http://www.k-1.com/Orwell/site/about/pictures.html>)

ANEXO E – Orwell na BBC (o primeiro em pé, da esquerda para direita)



Fonte: k-1 Blog (Disponível em: <http://www.k-1.com/Orwell/site/about/pictures.html>)

ANEXO F – O mundo Fictício de 1984



Fonte: *bertini.wordpress.com*

ANEXO G – Listagem da Obra (organizada por categoria e ano)

Romances

- *Burmese Days* (1934) (*Dias na Birmânia*)
- *A Clergyman's Daughter* (1935) (*A Filha do Reverendo*)
- *Keep the Aspidistra Flying* (1936) (*Mantenha o Sistema*)
- *Coming Up for Air* (1939) (*Um Pouco de Ar, Por Favor!*)
- *Animal Farm* (1945) (*A Revolução dos Bichos* (no Brasil), *O Triunfo dos Porcos* (em Portugal))
- *Nineteen Eighty-Four* (1949) (1984)

Baseadas em experiências pessoais

- *Down and Out in Paris and London* (1933) (*Na Pior em Paris e Londres*)
- *The Road to Wigan Pier* (1937) (*A Caminho de Wigan*)
- *Homage to Catalonia* (1938) (*Lutando na Espanha*)

Ensaaios

- "The Spike" (1931)
- "A Nice Cup of Tea" (1946)
- "A Hanging" (1931)
- "Shooting an Elephant" (1936)
- "Charles Dickens" (1939)
- "Boys' Weeklies" (1940)
- "Inside the Whale" (1940)
- "The Lion and The Unicorn: Socialism and the English Genius" (1941)
- "Wells, Hitler and the World State" (1941)

- "The Art of Donald McGill" (1941)
- "Looking Back on the Spanish War" (1943)
- "W. B. Yeats" (1943)
- "Benefit of Clergy: Some notes on Salvador Dali" (1944)
- "Arthur Koestler" (1944)
- "Notes on Nationalism" (1945)
- "How the Poor Die" (1946)
- "Politics vs. Literature: An Examination of Gulliver's Travels" (1946)
- "Politics and the English Language" (1946)
- "Second Thoughts on James Burnham" (1946)
- "Decline of the English Murder" (1946)
- "Some Thoughts on the Common Toad" (1946)
- "A Good Word for the Vicar of Bray" (1946)
- "In Defence of P. G. Wodehouse" (1946)
- "Why I Write" (1946)
- "The Prevention of Literature" (1946)
- "Such, Such Were the Joys" (1946)
- "Lear, Tolstoy and the Fool" (1947)
- "Reflections on Gandhi" (1949)
- "Bookshop Memories" (1936)
- "The Moon Under Water" (1946)
- "Rudyard Kipling" (1942)
- "Raffles and Miss Blandish" (1944)

Poemas

- "Romance"
- "A Little Poem"
- "Awake! Young Men of England"
- "Kitchener"
- "Our Minds are Married, But we are Too Young"
- "The Pagan"
- "The Lesser Evil"
- "Poem from Burma"